

SOMNIUM

Efeitos Secundários:

Segundos Encontros de FC&F Portuguesa



Oceanos Internos e Vida Extraterrestre
Teletransporte: Ficção, Realidade e Desinformação

Índice

Editorial

Três Meses Exatos 03

Artigos

**Ciência Para o Amanhã:
Oceanos Internos e Vida Extraterrestre**
por Gerson Lodi-Ribeiro 07

**Teletransporte:
Ficção, Realidade e Desinformação**
por Hindemberg Alves da Frota 10

O que rola pelo Fandom

FC em Notícias
por Adriana Simon 04

**Efeitos Secundários:
Segundos Encontros de FC&F Portuguesa**
por Gerson Lodi-Ribeiro 12

**Listserver:
Mais um pouco do que rola na Internet**
compilado por Dario Alberto de Andrade Filho 22

Ficção

Anunciação
por Lúcio Manfredi 18

As Irmãs
por Adriana Simon 20

Ilustrações

Alexandre Grecco **capa**

José Carlos Neves **contra-capas**

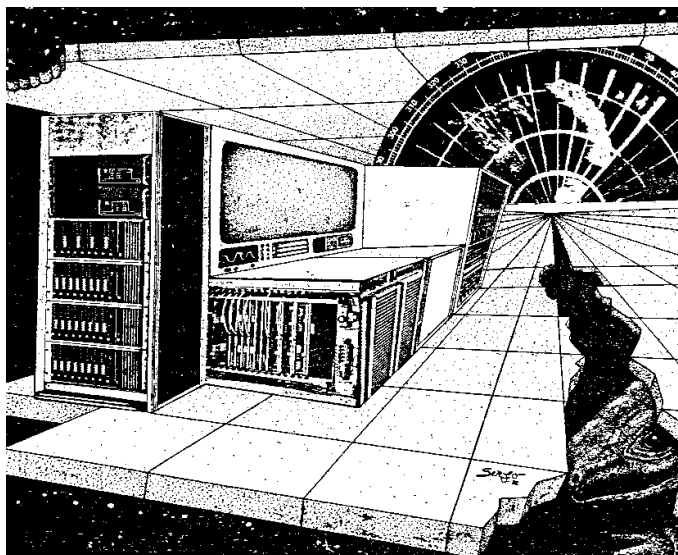
Serjo Robert 02

Roberto Schima 09, 23

João de Deus F. Araújo 11

Fernando Moretti 17

Maurício Tavares 19, 21



SOMNIUM

número 67
março de 1998

Editorias:

Social e Notícias

Adriana Simon;

Diário do Fandom

Roberto de Sousa Causo;

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro;

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco;

Listserver

Dario Alberto de Andrade Filho;

Geral

Cesar R. T. Silva.

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar R.T. Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Toda colaboração relativa ao *Somnium* deve ser enviada em disquete IBM PC no programa Word 6.0 ou menor. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Firmiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência: CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105 - São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

E-mail: clfc@dks.com.br.

Visite nosso site na Internet:

<http://www.clfc.com.br>

Mais uma edição de *Somnium* em suas mãos. Uma vitória, considerando todos os anos nos quais vários problemas impediram que isso acontecesse com uma periodicidade confiável.

Sabemos que algumas pessoas insatisfeitas mandaram cartas indignadas ao Clube de Leitores de Ficção Científica protestando contra as mudanças no fanzine. Sabíamos que isso iria acontecer, pois há grupos de fãs que não acompanham as dificuldades com as quais o CLFC tem de lidar para manter a própria cabeça para fora da água, e sentem-se autorizados a exigir um *Somnium* pujante. Todos gostaríamos disso também e acreditamos que, em breve, o fanzine vai voltar a crescer.

Ainda estamos com dificuldades para fechar as edições por falta de colaborações: contos e ilustrações estão sendo mendigados a outros fanzines, que vêm suprindo esses componentes.

Mas nesta edição temos o prazer de anunciar a estréia de um novo articulista, Hidemberg Alves da Frota, residente em Manaus, de onde organiza uma providencial página eletrônica de FC, a *Frota News On Line*.

Vamos lá, membros do CLFC! Colaborem com o *Somnium*, mandem sua arte, suas opiniões, dêem continuidade aos debates do nosso Listserver na Internet.

Isso vai ficar muito legal.

Os Editores

Compre, leia e colabore também com os demais fanzines brasileiros!

• **Astaroth:** Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror, distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço:** Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto:** Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan:** Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.

• **Interprid:** Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Lançamento caprichado dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.

• **Juvenatrix:** Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon:** Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Prioriza a literatura (contos, artigos e notícias), mas também abre espaço para cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada:** Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Volta-se mais à literatura, com contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. É

um importante pólo do fandom gaúcho. Rua Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• **Starlog Brief.** Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar os principais artigos da *Starlog* americana. Vale mais que a versão nacional oficial. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

• **Suplemento de Ficção Científica:** Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Continuo*. Traz resenhas de livros estrangeiros e comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

• Fábrica de Fanzines:

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo, Rua Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010:

Biblioteca Essencial da FCB: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

Borduna & Feitiçaria: A4, 16 páginas. Primeiro fanzine brasileiro especificamente voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Brazuca Review: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

Diário do Fandom: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

Papêra Uirandê Especial: A4, 36 páginas. O mais crítico e polêmico zine de ficção científica do País. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

O Rhodaniano: A4, 12 páginas. Fanzine sobre Perry Rhodan e Space Opera. Traz artigos sobre a série alemã de FC e sobre *Star Wars*, ilustrações e o prólogo de uma noveleta de FC.

Cinema

- *LOST IN SPACE*

O seriado dos anos 60 finalmente chega aos cinemas produzido por New Line Cinema. É claro, novos atores, nova história, muito mais efeitos especiais... mas ainda, perdidos no espaço. O filme é dirigido por Stephen Hopkins e conta no elenco com William Hurt (*Michael*), Gary Oldman (*O Quinto Elemento*), Matt LeBlanc... os fãs devem contar os dias para sua estréia (nos EUA: 3 de abril), embora... será que o filme, além dos personagens, vai ter alguma coisa a ver com a série? É esperar para ver. Site oficial: <http://www.dangerwillrobinson.com>

- *GODZILLA*

A Sony está realmente investindo pesado neste filme que tem estréia prevista para o dia 20 de maio. Já foram investidos US\$ 125 milhões no filme, mais US\$ 50 milhões na distribuição e mais US\$ 125 milhões na promoção. O objetivo não é apenas vender o filme, mas transformar o monstro numa franquia, como o *Batman* da Warner ou *Jornada nas Estrelas* da Paramount, para produzir receitas por anos a fio. Além disso a Sony tem projetos para o ano que vem. São candidatos *Homens de Preto 2* (provavelmente com David Duchovny —de *Arquivo X*— ao lado de Will Smith), *Os Caça-Fantasmas 3* (com Dan Aykroyd, Harold Ramis e Chris Farley), entre outros.

- *THE X-FILES: THE MOVIE*

A febre da televisão chega finalmente aos cinemas em 19 de junho, como o desfecho para um mistério que já dura cinco anos. É uma jogada de marketing da Fox, que espera (logicamente) um grande público para o filme, visto que o seriado é um dos mais assistidos no mundo inteiro. O filme é escrito por Chris Carter e deverá ser “puxado” pelo último episódio do quinto ano da série, restando apenas um único problema: visto que a série é bem atrasada aqui no Brasil, será que o fil-

me não chegará antes que o quinto ano acabe? É esperar para ver. Para os internautas, o site oficial é: <http://www.thex-files.com>.

- *GOLDEN RASPBERRIES*

(Framboesa de Ouro)

Saiu a lista dos filmes indicados a piores do ano. *Batman e Robin* recebeu o maior número de indicações, 11, inclusive pior filme, diretor (Joel Schumacher) e até ator coadjuvante (Arnold Schwarzenegger).

Anaconda ficou com 6, incluindo pior filme, diretor (Luís Llosa) e o pior novo ator, para a cobra mecânica. *O Mensageiro* (*The Postman*) teve 5, incluindo pior filme, diretor e ator, todos para Kevin Costner. O resultado será divulgado dia 22 de março, um dia antes dos Oscars.

Literatura

Lançamentos

- *LA CLEPSYDRE*

Revista francesa de FC & História Alternativa. O número inaugural trará a noveleta de Gerson Lodi-Ribeiro “O Preço da Sanidade”.

La Clepsydre é uma revista amadora em língua francesa que trata do tema do tempo na literatura, o audiovisual e o multimídia. Interessa-se mais particularmente em ficção sobre viagens no tempo, paradoxos temporais, histórias alternativas ou secretas, mundos paralelos e grandes mitos históricos.

La Clepsydre não é uma revista de literatura geral, nem se quer ligar especificamente à ficção científica ou as novelas fantásticas, só se interessa na ficção que utiliza ou trata do tempo de modo original. Todas as colaborações (críticas, artigos, novelas ou ilustrações) são bem-vindas, na condição que se escrevam na temática e conforme a estrutura da revista. *La Clepsydre* é como o foi dito, uma revista de língua francesa, mas aceita os textos em inglês, espanhol e em português, que poderão ser traduzidos.

La Clepsydre sendo uma revista amadora, não paga os seus colaboradores, que conservam os seus direitos, assim como não garante regularidade. Tem como objetivo difundir obras e partilhar seu interesse por este tipo de literatura.

<http://perso.infonie.fr/clepsydre>

- *À PROCURA DE KADATH*

(Editora Iluminuras, 222 páginas, R\$ 20,00)

Depois de 7 anos o americano H.P. LOVECRAFT (1890-1937) tem novamente uma obra inédita publicada no Brasil. A coletânea em edição caprichada mostra em 6 contos e novelas seus mundos insólitos, ambientes oníricos e macabros. Obrigatório para os fãs e não-fãs do mestre do indizível.

- *JORNADA NAS ESTRELAS – MEMÓRIAS DOS FILMES*

(Editora Nova Fronteira, 348 páginas, R\$27,00)

Escrito por William Shatner (Cap. Kirk) e Chris Kreski, o livro mostra os bastidores da produção de 7 filmes de longa-metragens, as manobras do estúdio, os golpes e a puxada de tapete que pôs de lado em definitivo o criador da série Gene Roddenberry, entre outros. O livro não é só indicado para fãs, pois foi montado de tal forma que também serve como fonte de informações para quem quiser conhecer mais a respeito de como a indústria cria seus produtos.

- *A GUERRA DOS MUNDOS*

(Editora Ediouro, 400 páginas, R\$ 29,00)

Escrito por Alexander Beshner e traduzido por Claudia Costa Guimarães. Na Tóquio de 2027, cidade que sobreviveu ao megaterremoto do milênio, a empresa Sartori Corporation, dona de um império de lazer virtual, trava uma selvagem guerra corporativa para manter-se no mercado e ao mesmo tempo, salvar os milhares de usuários que se encontram presos em seus

mundos virtuais. Na Califórnia, Frank Gobi, um tranqüilo professor universitário acaba mergulhando nesse mundo frenético ao descobrir que seu filho de 10 anos está preso em um jogo virtual da Sartori, lutando pela própria vida. O autor funde tecnologia e metafísica, consciência humana e realidade virtual para escrever o que já está sendo considerado, nos EUA, um clássico do cyber-noir.

- **CLIMA PESADO**

(*Heavy Weather*, Lemos Editorial)

Está confirmada a publicação deste romance de Bruce Sterling de 1994 na Coleção Scorpio, provavelmente em setembro deste ano.

Quadrinhos

- Dia 14, sábado, ocorreu a entrega do Prêmio Nova de Quadrinhos para o álbum de Lourenço Mutarelli, *A Confluência da Forquilha*, durante as comemorações do Dia do Quadrinho Nacional, na Abra Vergueiro. Também foram entregues os troféus Angelo Agostini, prêmio realizado pela AQC-SP há 14 anos.

Foram premiados:

Melhor desenhista: Marcello Campos;
Melhor roteirista: Marcello Cassaro;
Lançamento: revista *Metal Pesado*;
Fanzine: *Informativo de Quadrinhos Independentes*, Edgard Guimarães, ed.;
Mestres da HQB: Manoel Victor Filho, Zezo e Carlos Thiré;
Prêmio Jaime Cortez: revista *Metal Pesado*.

Os editores da *Metal Pesado*, ganhadores de dois prêmios, avaliaram o desempenho da revista como positivo ao longo das 6 edições de 1997, como um portfolio do que de melhor se produz no Brasil em termos de quadrinhos, mas adiantaram que apesar disso, a revista pode ser descontinuada pela editora em 1998, porque não deu lucro em nenhum momento.

Também não são boas as notícias vindas da Trama. Ha muitas possibilidades que a mini-série *Lua dos Dragões* não seja continuada além dos números já publicados.

Games

- Lançamentos baseados em filme

- No jogo de aventura *BLADE RUN-*

NER, você é o detetive Ray McCoy, caçando andróides na decadente Los Angeles de 2019, mergulhando em mais de 150 ambientes 3D e interagindo com personagens do filme homônimo de Ridley Scott. Configuração mínima: Pentium 90 Mhz, 2 Mbytes de placa de vídeo, CD-ROM 4x e 150Mbytes de espaço em disco. R\$ 59,99 na Tec Toy, tel.: (011) 5071-1331.

- *MEN IN BLACK* também virou jogo em CD-ROM. Nele o jogador deve "defender a Terra da escória do universo". O jogo é do gênero aventura/mistério, com gráficos 3D. A perspectiva é fixa, às vezes acima, de lado ou em ângulo, enquanto o personagem se move pelos ambientes, através de apenas o teclado. A resolução é muito refinada, com personagens digitalizados e cenários realistas, mas a qualidade das seqüências deixa a desejar. O jogador começa o jogo com James Edwards (Will Smith, no filme), um policial que, ao investigar um filme, se depara com alienígenas. Após acabar com os ETs da primeira fase, você entra para o QG secreto do MIB e passa a esconder e controlar a presença alienígena na Terra usando o terno preto, caneta neutralizadora e várias armas poderosas. O jogador pode escolher um dos três personagens Agente J (Will Smith), Agente K (Thommy Lee Jones) ou Agente L (Linda Fiorentino), disponíveis para a próxima missão, agora com armas e equipamentos sofisticados. Há missões em ambientes como uma estação meteorológica no Ártico, a cidade de Nova York, o rio Amazonas e até cavernas alienígenas.

Configuração mínima: Pentium 100MHz, 16 Mbytes (32 Mbytes recomendado), CD-ROM 4X, 40 Mbytes de espaço em disco, Windows 95. R\$ 51,85, distribuição: Greenleaf, tel.: (0800) 55-2313.

site: www.gremlin.com.uk.

Site do filme:

www.thetres.ser.sony.com/films/meninblack/index.html

Outro site com informações e depoimentos: www.cron-2.com.on.ca/web/ufojoe/mibs/mibs-js.html

Internet

Listserver CLFC,

segundo Gerson Lodi-Ribeiro.

Há tempos atrás o fórum de debates do nosso listserver foi acometido pelos ecos de uma contenda de além-mar entre os fãs portugueses João Barreiros e Álvaro Holstein. Como ambos estão inscritos no listserver do CLFC, as desavenças da terrinha acabaram transbordando para este lado do Atlântico...

O duelo Barreiros versus Holstein ficou no passado: o grande combate que alegrou a galera no mês de outubro e início de novembro foi a querela entre o nosso moderador Carlos Angelo e o mesmo combativo e polêmico Barreiros, sob nada mais nada menos que a qualidade da obra e da escrita de Robert A. Heinlein...

O listserver conseguiu superar uma crise inicial (bate-boca de baixo nível entre vários membros de destaque do CLFC) e agora mantém apenas bate-bocas de alto nível, nos quais somente as idéias brigam e não as pessoas. Ainda rola muita abobrinha, é claro. E, considerando o postulado da 1ª Lei de Sturgeon (nossa velha conhecida), seria de se espantar se assim não o fosse. Mas, peneirando com atenção e vigor, conseguimos depurar muita coisa boa, muitos papos inteligentes e interessantes e, sobretudo, um bom punhado de informações úteis.

Em resumo: o listserver no momento está cumprindo muito bem o seu propósito de propiciar um ambiente virtual onde as idéias e o papo relativos à FC&F possam circular livremente. A se lamentar, apenas que tão poucos resultados concretos esse fórum gere para o seu patrocinador, o CLFC.

- O.L.V., Oficina Literária Virtual

Em dezembro de 1997, Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090), propôs na lista de discussão, a criação de uma oficina literária virtual, onde os inter-nautas submeteriam contos ou novelas de ficção científica para serem lidos, debatidos e, conseqüentemente, melhorados.

Uma página foi criada especialmente para esta atividade: <http://www.netium.com.br/FNOL/OLV.htm> A medida que novos trabalhos forem analisados e discutidos estaremos informando, através da homepage oficial da Oficina Literária Virtual - O.L.V., a reação do público - os comentários, elogios e críticas - e o "antes e depois", ou seja, estaremos apresentando on-line a obra original que foi enviada e a nova versão - se o autor desejar reescrevê-la, é claro - fruto da repercussão dentre os participantes da O.L.V. Se você quiser participar da O.L.V., que conta já 19 escritores em menos de um mês de existência, basta mandar um e-mail para o coordenador: glodir@unisys.com.br

- CLFC e-mail POP

O CLFC está vendendo assinaturas de contas de e-mail POP, ou seja, contas de e-mail que podem ser acessadas a partir de qualquer outro provedor Internet. A assinatura pelo período de um ano custa R\$ 50,00. O e-mail dos assinantes seria seu.nome@clfc.com.br

- "**Plausibilidade Científica & Literária**" é uma coluna virtual do *Frota News Science-Fiction*, editada por Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090). De periodicidade mensal, a página analisará a arte e a ciência de escrever ficção científica através da experiência e visão crítica do maior especialista brasileiro em ficção de universos alternativos.

www.netium.com.br/FNOL/gerson.htm

- Na "**Coluna do Causo**" você encontrará um artigo semanal relativo à ficção científica no Brasil, mais contos, uma galeria com ilustrações, uma coluna de resenha de livros — subdividida em resenha de livros de ficção científica brasileira.

www.netium.com.br/FNOL/causo.htm. Olhe e mande um e-mail com sua opinião para: roberto.causo@dks.com.br

- Rede Global Paraliterária

Já está em funcionamento a lista de discussão *Rede Global Paraliterária/Global Paraliterary Network*,

editada por Roberto S. Causo & Bruce Sterling, em RGP@dks.com.br. Também em operação a sub-lista RGPpro, destinada a anúncios e notificações vinculadas ao mercado internacional para FC/F/H/etc. O objetivo de RGP é discutir a ficção científica como um fenômeno global, e não apenas anglo-americano. Tem cerca de 60 assinantes, da Argentina, Brasil, Canadá, Finlândia, França, Inglaterra, Itália, República Tcheca, Rússia, etc. As mensagens são enviadas em inglês. Para assinar basta enviar uma mensagem sem texto com o tópico SUBSCRIBE.

- Ray Bradbury contra a Internet

Em um caderno especial "World Media", publicado em jornais e revistas de 22 países (no Brasil, na *Folha de São Paulo* de 19/02/98), Ray Bradbury (autor de *Fahrenheit 451* e de *As Crônicas Marcianas*) declara: "Não gosto da Internet e não quero e-mail. Não preciso deles. Porque eu iria querer tudo isto? Tenho tudo o que preciso: lápis, caneta e máquina de escrever. Além disso tenho meus livros. E tenho o tempo que preciso para criar contos. A criatividade verdadeira é o que há de individual em você. Você está sendo criativo quando explora seu eu interior e descobre quem você é, o que você é e o que quer fazer... A Internet é boa para determinados tipos de pesquisa, ele tem suas funções, mas não deve substituir todo o resto... Só há duas coisas que podemos levar para a cama conosco: uma pessoa ou um livro. Não dá para levar um computador para cama. Não creio que a Internet vá tomar o lugar dos livros, mas se isso ocorresse seria terrível. Precisamos de livros para carregar conosco. Precisamos ter algo no bolso, algo no coração, algo que possamos pegar com as mãos. Não se pode pegar na Internet..."

- Os mais recentes bestsellers de FC e Fantasia segundo a Amazon Books

1. *The Long Patrol : A Tale from Redwall*, Brian Jacques Allan Curless (Ilustrador) / 1998

2. *Starship Troopers* Robert A. Heinlein / 1987
3. *The Forever War* Joe Haldeman / 1996
4. *Shards of a Broken Crown (Serpentwar Saga, Vol 4)* Raymond E. Feist / 1998
5. *Snow Crash ~ Usually ships in 24 hours* Neal Stephenson / 1993
6. *The Reality Dysfunction : Emergence* Peter F. Hamilton / 1997
7. *Red Mars* Kim Stanley Robinson / 1993
8. *Sphere* Michael Crichton / 1991
9. *Contact* Carl Sagan / 1997
10. *Wizard and Glass: Dark Tower IV Vol 4* Stephen King, Dave McKean (Ilustrador) / 1997
11. *Neuromancer* William Gibson / 1995
12. *The Sparrow* Mary Doria Russell / 1997
13. *Rage of a Demon King (Serpentwar Saga , Vol 3)* Raymond E. Feist / 1998
14. *J.R.R. Tolkien : The Hobbit and the Complete Lord of the Rings, the Fellowship of the Ring, the Two Towers, the Return of the King/Boxed Set* J. R. R. Tolkien / 1991
15. *The Masterharper of Pern* Anne McCaffrey / 1998
16. *Doomsday Book* Connie Willis / 1993
17. *The Reality Dysfunction : Expansion* Peter F. Hamilton / 1997
18. *Blue Mars* Kim Stanley Robinson / 1997
19. *The First Immortal* James L. Halperin / 1998
20. *Green Mars* Kim Stanley Robinson / 1995

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer a Gerson Lodi-Ribeiro (CLFC 090), a Marcello Simão Branco (CLFC 083), a Roberto Causo (CLFC 023) e a Fábio Barreto pelo material recebido.

Menos de dois anos depois do estardalhaço científico provocado pela descoberta de indícios hipotéticos de atividade orgânica num meteorito proveniente de Marte¹, as atenções exobiológicas da humanidade se voltam para Europa, um dos quatro satélites galileanos de Júpiter², o maior planeta do Sistema Solar.

Em seu romance *3001: a Odisséia Final* (a terceira e inteiramente dispensável continuação do clássico *2001: uma Odisséia no Espaço*), Arthur C. Clarke propõe a existência de um ecossistema alienígena nos oceanos de Europa. Para os leitores que não acompanharam a tetralogia, esclarece-se que o sistema de satélites jupiterianos tornou-se um mini-sistema estelar no final do segundo romance, *2010: uma Odisséia no Espaço II*, quando o gigante gasoso foi artificialmente transformado numa pequena estrela, Lucifer. O Sistema Solar se torna um sistema duplo, tendo o Sol como primário e Lucifer como segundo membro. As novas condições hospitaleiras do sistema jupiteriano possibilitam o florescimento de formas de vida nativas nos oceanos de Europa.

Ao que tudo indica, o exemplo acima é um daqueles casos em que a realidade científica supera a imaginação do autor. A extrapolação de Clarke talvez venha ser no futuro considerada um tanto ou quanto modesta diante das novas descobertas nas áreas da geofísica e da planetologia.

Talvez não seja necessária a ignição de Júpiter numa nova estrela para conceber a presença de vida no interior de um oceano aquoso hipotético existente em Europa sob o manto de uma crosta de gelo com vários quilômetros de espessura.

Dados recentes coletados praticamente *in situ* pela sonda espacial *Galileo* (quando ela *rasou* Europa a apenas 600 Km de altitude) confirmaram a impressão de que a superfície de Europa é composta por uma camada de gelo aquoso surpreenden-

temente lisa mas riscada por uma série de fraturas sísmicas, não apresentando o padrão de crateras característico dos corpos celestes geologicamente estáveis desprovidos de atmosferas densas (como é o caso de Mercúrio, Marte, ou da própria Lua). Esse tipo de relevo comprova que, em termos geológicos, a superfície do satélite é extremamente nova, possuindo, quando muito, uns poucos milhões de anos de idade.

Em muitos pontos da superfície de Europa, as fraturas dividem a crosta congelada do satélite numa série de placas de gelo, gigantescos icebergs com dezenas de quilômetros quadrados de extensão, bastante semelhantes aos encontrados nos oceanos polares da própria Terra durante o inverno. Além disso, existem gêiseres ou, no caso, vulcões de gelo, que parecem jorrar água líquida oriunda das profundezas de Europa. Essa água congela rapidamente em contato com a atmosfera tênue de oxigênio do satélite.

As erupções desses gêiseres indicam a possível presença de um oceano de água líquida no interior de Europa. Um oceano de dimensões planetárias, mantido em estado líquido pelo calor do núcleo de Europa (gerado pelo decaimento de elementos radioativos) e pela transferência para o interior do satélite da energia gerada pelo efeito de maré gravitacional de Júpiter.

Ora, se Europa dispõe de fato de um oceano interno e de fontes de calor (provavelmente sob a forma de fontes hidrotermais, como as existentes nos leitos oceânicos terrestres), é possível imaginar que haja vida no inte-

rior desse mundo cuja temperatura superficial atinge - 200 °C? E, sobretudo, é possível conceber ecossistemas complexos funcionando na ausência de luz solar?

Aparentemente sim.

Há cerca de vinte anos uma equipe de pesquisadores americanos explorando as fossas abissais do Pacífico nas proximidades do Arquipélago de Galápagos, descobriu ecossistemas funcionando a vários quilômetros de profundidade. Como sabemos, não há fotossíntese na ausência de luz solar, mas uma série de bactérias abissais contornou a dificuldade através da *quimiossíntese*, ou seja, extraíndo a energia necessária para a manutenção de seu metabolismo das reações químicas em compostos à base de enxofre emitidos pelas fontes hidrotermais. Esses microorganismos são a base da cadeia alimentar dos ecossistemas abissais. Uma cadeia que se ramifica até os seres multicelulares complexos que proliferam nas águas mornas das proximidades das fontes hidrotermais e na qual se incluem moluscos, sifonóforos (como as medusas e as águas-vivas) e uma curiosa família de vermes que habitam o interior de conchas tubuliformes, criaturas de até três metros de comprimento e em cujos organismos residem como simbioses as tais bactérias quimiossintéticas capazes de extrair energia dos compostos sulfurosos.

Além dos ecossistemas abissais, duas outras descobertas recentes comprovaram que a vida microbiana na própria Terra é um fenômeno de ocorrência muito mais disseminada do que se supunha até então. Comprovações que estimularam a imaginação dos

cientistas que se dedicam às especulações e pesquisas exobiológicas.

A primeira descoberta é a existência de micróbios a dezenas de quilômetros no interior da Terra (tão profundo quanto conseguimos penetrar com a tecnologia atual) e a segunda é a presença de bactérias, chamadas *extremófilas*, em alguns dos ambientes mais inóspitos que se conhece, como, por exemplo, lagos com teor de salinidade muito elevado, águas de acidez ou alcalinidade extremas, ou ainda, fontes cujas temperaturas se aproximam à da ebulição da água.

A presença real de organismos nas fossas abissais, em água fervente, a cinquenta quilômetros de profundidade no interior da Terra ou imersos em meios terrivelmente salinos, ácidos ou alcalinos nos leva à questão seguinte: Embora possam existir criaturas em ambientes tão críticos, poderiam elas ter originalmente evoluído nos habitats onde são hoje encontradas? Ainda que assaz pertinente, esta é uma questão que ainda não sabemos responder.

De acordo com os postulados exobiológicos mais conservadores, apenas planetas de atmosfera livre localizados a distâncias adequadas de seus primários ou, em jargão mais técnico, localizados no interior de *ecosferas*³, poderiam abrigar *vida como a conhecemos*. Uma visão sem dúvida bastante antropocêntrica e algo chauvinista, se querem a minha opinião.

Embora possuam ecosferas bastante extensas, as estrelas muito brilhantes, por serem demasiado quentes e massivas, queimam todo o seu combustível nuclear em poucos milhões de anos; um intervalo de tempo considerado insuficiente para que a vida surja e evolua para formas complexas. No outro extremo, as débeis anãs vermelhas (as estrelas mais comuns do universo) mantêm-se estáveis durante dezenas de bilhões de anos, mas suas ecosferas pouquíssimo espessas dificilmente abrigariam uma órbita planetária em seu interior. Logo, de acordo com o cânone exobiológico mais tradicional, somente as estrelas medianas do tipo Sol, que não per-

tencessem a sistemas estelares duplos ou múltiplos e que possuíssem planetas rochosos (e não gigantes gasosos) justamente no interior de suas ecosferas, seriam moradas ideais para a vida. Apenas nelas poderíamos esperar encontrar formas biológicas superiores e, quiçá, inteligência.

Contudo, a existência de oceanos de água tépida no interior de mundos gelados (o que parece quase certo) nos leva a pensar que o cânone tradicional talvez esteja adotando uma postura por demais pessimista. Afinal, se as fontes de energia disponíveis são geotérmicas e gravitacionais ao invés de radiantes, então o surgimento e a evolução de formas superiores independem da órbita planetária estar ou não imersa dentro de uma ecosfera. Pode-se até imaginar um cenário onde a origem e a evolução da vida em oceanos internos de mundos de exterior gelado seria a regra, uma vez que tais astros são de longe mais abundantes, ao passo que o aparecimento de vida em planetas de atmosfera livre imersos em ecosferas estáveis seria de fato a exceção.

Portanto, admitindo que Europa possua realmente um oceano interno, haverá vida lá? A questão pode ser colocada de um outro modo: “É possível que um oceano de água persista por bilhões de anos sem que a vida nele se origine e evolua?” Longe de se constituir num jogo de palavras estéril, a inversão da pergunta faz sentido quando lembramos que, segundo as melhores estimativas hoje disponíveis, a vida se originou nos oceanos terrestres apenas duzentos milhões de anos depois da estabilização desse meio líquido, com o arrefecimento do planeta há aproximadamente quatro bilhões de anos.

Mas mesmo que exista vida no oceano de Europa, estudá-la diretamente não será das tarefas mais fáceis. Porque, caso existentes, as formas de vida europeanas estão separadas da superfície do satélite por uma camada de gelo sólido como granito de mais de vinte quilômetros de espessura. Uma barreira formidável que impossibilitaria na prática o contato direto com qualquer sonda automáti-

ca que possamos construir com a tecnologia vigente.

Não obstante a perspectiva algo desanimadora de que ainda somos de um certo modo principiantes no que diz respeito à habilidade de encontrar formas de vida alienígenas em mundos distantes, tudo é uma questão de tempo e recursos.

Dentro em poucos anos uma outra sonda espacial, a *Cassini*, estará chegando na órbita de Saturno levando a bordo uma sonda planetária, a *Huygens*. Se tudo ocorrer conforme o previsto, a *Huygens* deverá pousar em Titã, o maior satélite de Saturno⁴. Terá Titã, à semelhança de Europa, um oceano interior? Pelo sim, pelo não, talvez tivesse sido melhor que a *Galileo* abrigasse em seu bojo um módulo planetário equivalente ao *Huygens* para pousar em Europa. Quem sabe, se assim tivesse ocorrido, já não disporíamos de alguma evidência, conquanto indireta, da existência de vida extraterrestre?

Voltando à ficção científica e aproveitando o ensejo para puxar um pouco de brasa para minha sardinha, confesso já me ter embrenhado na temática dos ecossistemas complexos evoluindo em oceanos internos de mundos gelados. Foi na novela⁵ “O Dia em que os Humanos Foram Embora” (1985), inédita em português apesar de ter sido publicada na revista francesa de FC *Antarès* em 1991. Meu satélite hipotético, Illion, orbitava um supergigante gasoso, Heracles. No mesmo sistema estelar havia um planeta tipo-Terra, com atmosfera livre de oxigênio, vida superior autóctone e habitado há milênios pelos humanos. Depois de conquistar o *Teto do Mundo* a bordo de um veículo construído especialmente para a missão e descobrir o *Exterior*, os illianos (muito provavelmente a espécie mais alienígena que já concebi) entram em contato com os humanos e acabam auxiliando essa espécie pretensamente superior a emergir de uma estagnação tecnológica milenar para um novo apogeu galáctico.

Gerson Lodi-Ribeiro,
Fevereiro 1998.

Bibliografia:

-Clarke, Benton C.: "Sulphur: Fountainhead of Life in the Universe?", in *Life in the Universe*, Billingham, John [editor], MIT Press (1981).

-Frederickson, James K. e Tullis C. Onstott: "Microbes Deep Inside the Earth" - *Scientific American*, v. 275, No. 4, October 1996.

-Madigan, Michael T. e Barry L. Marrs: "Extremophiles" - *Scientific American*, v. 276, No. 4, April 1997.

-Morrison, Philip: "Wonders: Sunless Life on Seafloor" - *Scientific American*, v. 275, No. 1, July 1996.

-Powell, Corey S.: "The Greening of Europa" - *Scientific American*, v. 275, No. 4, October 1996.

Notas:

1. A controvérsia sobre a presença vestígios de organismos microscópicos no meteorito marciano e, portanto, a prova concreta da existência de vida extraterrestre, permanece em aberto até a data presente. Amostras minúsculas do

meteorito foram distribuídas a várias equipes científicas ao redor do globo, numa tentativa de confirmar ou falsear os resultados divulgados no segundo semestre de 1996, mas nenhuma conclusão significativa foi publicada na imprensa científica até agora.

2. Com mais de duas dezenas de satélites descobertos (um número que cresce a cada nova sonda visitante), o sistema jupiteriano se assemelha um pouco com um sistema estelar em miniatura. A maioria desses satélites, contudo, é constituída por corpos de poucas centenas de quilômetros de diâmetro ou dimensões ainda menores. As exceções são os quatro satélites galileanos - Europa, Io, Ganimedes e Calisto - descobertos por Galileu em 1610. A descoberta desses quatro satélites de grandes dimensões (três deles maiores do que a nossa Lua) orbitando em torno de Júpiter constituiu-se num argumento de peso na demolição do edifício do Sistema Geocêntrico de Ptolomeu, teoria que (ao menos em

seu estado puro) afirmava que todos os corpos celestes orbitavam em torno da Terra.

3. Ecosfera ou zona de habitabilidade - concha esférica imaginária existente em torno de uma estrela, onde uma superfície planetária poderia manter uma temperatura tal que possibilitasse a existência de água em estado líquido (e portanto vida). No Sistema Solar, os astrofísicos imaginam que a ecosfera se estenda do limiar da órbita de Vênus à vizinhança da órbita de Marte. A Terra estaria aproximadamente na região central desse intervalo.

4. Com um diâmetro maior do que o de Mercúrio, Titã é de fato o maior satélite do Sistema Solar. Possui uma atmosfera quase duas vezes mais densa que a da Terra.

5. Novela é aquela peça de ficção de tamanho ingrato (entre 17.500 e 40.000 palavras). Longo demais para ser publicado como conto ou noveleta e curto demais para ser publicado como romance.



Veio à tona nestas últimas semanas a notícia de que cientistas da Universidade de Innsbruck, na Áustria, teletransportaram um fóton, tido como a partícula elementar da luz. Fica-se com a impressão que a idéia do teletransporte de Gene Roddenberry (1921-1991), o idealizador de Jornada nas Estrelas/ Star Trek, sai da ficção para se tornar mais uma conquista da ciência e tecnologia do final do século XX, entretanto toda cautela é pouca para não nos enganarmos com as distorções feitas pela mídia.

Jornada nas Estrelas

Quando o produtor norte-americano criou na década de 60 o seriado, ele projetou uma nave espacial, a U.S.S. Enterprise, que imitaria as space-operas da ficção-científica escrita dos anos 20 e 30, levando pessoas de todas as nacionalidades e etnias para explorar os confins do universo, audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve. Só que havia um pequeno problema: a Enterprise, da forma que fora concebida por Roddenberry, não poderia aterrissar num planeta. Então, ou ele mudava o projeto da nave ou encontrava uma saída para deixá-la intocada. Preferiu a segunda opção, usando o expediente do teletransporte, ou seja, de uma máquina que desmaterializaria e rematerializaria os tripulantes da Enterprise, teletransportando-os da nave para um planeta, por exemplo. Hoje faz parte do folclore norte-americano a célebre frase “Beam me up, Scotty!” (algo parecido a “Me leva pra cima, Scotty!”), dita pelo Capitão James T. Kirk ao escocês Montgomery Scott, engenheiro-chefe da nave e operador, na série original, do teletransporte.

Confusão

O mundo inteiro noticiou a “comprovação” do teletransporte, do *Physics Bulletin of Physics News* do Instituto Americano de Física ao nosso conhecido *Jornal Nacional*. Porém, entre o que sai numa publicação científica e o que é transmitido por um veículo de informação para as massas há uma

enorme diferença. Neste caso é a interpretação do fenômeno que distingue uma da outra. Pois, as revistas especializadas entendem por teletransporte a “transferência das propriedades quânticas da matéria”, enquanto o resto da mídia crê que teletransporte é o “ato de desintegrar as partículas atômicas, decompô-las e recriá-las noutra lugar” - em outras palavras, a definição do fenômeno segundo o universo de *Jornada nas Estrelas*. Se o Capitão Kirk, estando na Terra, pedisse ao Sr. Scott para voltar para a Enterprise, levando-se somente em conta o teletransporte que se realiza atualmente, o que aconteceria? O galanteador oficial da Frota Estelar, ao invés de desaparecer da superfície do planeta e reaparecer na nave, continuaria em solo terrestre e uma cópia sua, um “clone” dele, apareceria na Enterprise. Quer dizer que, havendo tecnologia capaz de teletransportar-me daqui para o Ceará, seria mais provável os cearenses encontrarem um irmão gêmeo meu por aquelas bandas do que eu ir para lá sem pagar passagem aérea...

Pesquisa científica

Existem três principais grupos de pesquisadores interessados no teletransporte: o de Innsbruck, liderado por Anton Zeilinger, o de Roma, sob os auspícios de Francesco de Martini, e o da IBM, coordenado por Charles H. Bennet. A equipe austríaca teve seu trabalho publicado na revista *Nature* de 11 de dezembro, os da Itália aguardam confirmação do

Physical Review Letters e os americanos propuseram, em 1993, na mesma publicação, a idéia do teletransporte ser viável, ainda que somente em teoria.

O maior empecilho ao teletransporte residia no “Princípio da Incerteza de Heisenberg”, que postula que não se pode determinar simultaneamente as propriedades de onda (a posição) e de partícula (o momento, a massa multiplicada pela velocidade) da matéria. Para contornar este problema os cientistas da IBM encontraram uma brecha no efeito “Einstein-Podolsky-Rosen”, um teorema que propõe que quando as partículas fazem contato entre si tornam-se “entrelaçadas”, de forma que mesmo distantes uma das outras continuam interligadas, como um bebê que após nascer ainda está conectado com sua mãe, porque alguém se esqueceu de cortar o cordão umbilical. Por isso, tudo que acontece com uma acontece com a outra automaticamente.

O pessoal da Universidade de Innsbruck fez um experimento para comprovar os estudos teóricos dos norte-americanos. Na experiência uma estação emissora, a “Alice”, envia um fóton mensageiro M, com 45 graus de polarização, a caminho de um conjunto de dois prismas (*beamsplitter*). No mesmo instante é constituído um par de fótons A e B interligados entre si (*entangled*). Ambos possuem uma relação complementar quanto à polarização: se o fóton A tem uma polarização horizontal de zero graus, B tem uma

polarização vertical de 90 graus, por exemplo. O fóton A chega ao *beam splitter* juntamente com o M. A partir daí, em 25% dos casos, seguem rumos antagônicos, o que impede da Alice distingui-los. Assim, o M perde sua identidade própria e fica “associado” ao A. O valor da polarização é indeterminado, mas Alice sabe que devem ter polarizações complementares por andarem em direções opostas. O teletransporte é bem sucedido no momento em que B adquire o mesmo valor de polarização

de M (afinal o primeiro tem de ser complementar ao A) e o “Bob”, a estação recebedora, percebe que B está com 45 graus, ou seja, o valor inicial do fóton mensageiro.

Luz no fim do túnel?

A cobertura das agências noticiosas, nomeadamente as brasileiras, foi de mal a pior. Muitas disseram que o teletransporte, do jeito que existe nas *Jornadas nas Estrelas*, é uma fato passivo no mundo quântico. Outros se superaram e afirmaram que,

inclusive, tinha-se desintegrado o fóton no experimento de Innsbruck. Infelizmente, estamos longe de podermos realizar uma experiência igual com seres humanos, quanto mais a comermos a façanha de sermos os Scottys da vida real.

Hidemberg Alves da Frota é editor do *Frota News On-line Digital Information Center*
<http://www.netium.com.br/FNOL>
e-mail: fnol@netium.com.br



por Gerson Lodi-Ribeiro

Ao contrário das duas idas anteriores à Vila de Cascais, em Portugal, essa foi uma estada-relâmpago de quatro dias incompletos, onde tive a oportunidade de representar pela segunda vez consecutiva o fandom brasileiro em geral e o CLFC em particular nos Encontros de Ficção Científica e Fantástico da Língua Portuguesa, cujo tema em 1997 foi “Efeitos Secundários”. Foi uma oportunidade para lançar meu primeiro livro solo, a coletânea de ficção científica e história alternativa Outras Histórias... e participar da antologia bilíngüe dos Encontros, Efeitos Secundários / Side Effects.

Dia 1 [25.09.1997]

Cheguei em Lisboa na tarde de quinta-feira procedente de uma conexão via Londres, pegando logo um táxi para a vila próxima de Cascais, sede dos Encontros. Uma vez na localidade, confirmei minha reserva no hotel, deixei minha bagagem no quarto e rumei num outro táxi para o Museu Conde Castro de Guimarães, onde já se dava a sessão de abertura dos Segundos Encontros.

Num dos salões do museu-biblioteca decorria já bem avançada uma palestra sobre a obra dos autores Arkady e Boris Strugatski, proferida em russo pelo antigo editor dos irmãos na antiga União Soviética. A fala do sujeito *sofria* tradução simultânea para o português e o inglês (este através de fones de ouvido). É difícil mensurar a qualidade dessas traduções. Presentes à palestra estavam os autores de FC&F locais João Barreiros, Luís Filipe Silva, António de Macedo e Maria de Menezes.

Assim que a palestra acabou cumprimentei os amigos daquele lado do Atlântico, começando um papo animado que se estendeu banquete adentro.

Na ante-sala do salão de jantar cometi minha maior gafe em congressos de FC&F até a presente data: ao ser apresentado à autora inglesa Gwyneth Jones, a confundi com Nicola Griffith, a autora de *Ammonite*.

Ao lado de Ms. Jones, a autora americana Joan D. Vinge procurou consolá-la, afirmando que em seu caso era pior, pois viviam confundindo os trabalhos dela com os do ex-marido, Vernor Vinge, e vice-versa. *Shame, shame on you!* Cai o pano...

O banquete em si foi no estilo *buffet*, regado com vinhos tinto e branco, além de suco de laranja e água para os abstêmios. O salame hamburguês e o patê de fígado estavam simplesmente maravilhosos, podendo se dizer quase o mesmo dos croquetes de carne.

Durante o jantar travei contato com uma nova autora portuguesa, Ana Godinho, autora do romance de ficção científica hard recém-publicado pela Editorial Caminho, *Artiauri*, e que seria lançado dois dias mais tarde, junto com a minha coletânea.

A jornalista Sacha Ramos chegou com o jantar a meio e se juntou ao pequeno grupo formado por mim, Nuno Fonseca, João Barreiros, Ana Godinho e Luís Filipe Silva. Conversamos bastante sobre FC e processo criativo. João confessou ter gostado bastante do conto que a Sacha enviara para o concurso da Simetria (a Associação Portuguesa de FC&F), “A Vingança da Alcatéia”, embora tenha apontado uma falha de menor monta. Já do conto vencedor, “A Profecia da Água”, de uma jovem graduanda em biologia chamada Helena Coelho, ele

afirmou não ter gostado, pois, embora fosse FC hard, possuía alguns furos sérios no enredo.

Sáímos do museu, eu, Nuno e Ana e a Sacha, no carro dessa última e fomos para o Teatro Gil Vicente, onde estava programada a mesa-redonda *Epifenômenos*.

Epifenômenos? O que seria isso, nos perguntávamos. Nada além dos bons e velhos fenômenos psi. Moderada por António de Macedo, a mesa foi composta por quatro pessoas, a maior parte dos quais com graus universitários, mas todos, sem exceção, defensores de teses da pseudociência.

Um dos pseudocientistas, Jorge Matos, era ufólogo (ou *ovniólogo*, como os portugueses preferem chamar) especializado no fenômeno das abduções; outra, Flávia Monsaraz era astróloga e especialista no contato com espíritos desencarnados; os outros dois sujeitos, devido ao cansaço, *jet lag*, etc., simplesmente não me lembro sequer que crença ou fé professavam, exceto que um deles parecia um estudioso dos mitos, embora eu não esteja certo.

Depois dessa mesa-redonda algo mística, António de Macedo exibiu um documentário sobre ovniólogos portugueses da década de 1970. Ao final da exibição, o próprio Macedo, que também estava hospedado no Cidadela, deu-me uma carona até o hotel.

Dia 2 [26.09.1997]

Na manhã de sexta-feira saboreei o laudo pequeno almoço do Cidadela em companhia de António Macedo, Daniel Tércio e Gwyneth Jones.

Tive então oportunidade de me desculpar com Gwyneth por tê-la confundido com Ms. Griffith. Ela contou-nos algumas peculiaridades do mercado britânico de FC&F literária.

Embora o papo estivesse ótimo, tive que me retirar para me preparar para a mesa-redonda *Vampirismo e Contaminação*. Alinhavados os tópicos que pretendia abordar, parti para o Teatro Gil Vicente.

A mesa-redonda foi moderada pelo autor de FC Daniel Tércio, contando com a participação de uma louríssima e simpática folclorista inglesa especializada em vampiros cujo nome não consegui guardar; o António de Macedo, o Luís Filipe Silva; um crítico de cinema chamado Lauro António e eu. Gostei bastante da fala da vampirologista, cujo inglês britânico bem pronunciado soou perfeitamente compreensível. Como era de se esperar Lauro António falou do vampiro no cinema. Preferi falar sobre a abordagem do vampiro não pelo horror mas pela ficção científica, analisando as diferenças entre os vampiros humanos (caso em que o vampirismo é apresentado muitas vezes como uma moléstia contagiosa, entrando pela seara da contaminação), não-humanos (criaturas que teriam evoluído como predadores dos seres humanos) e alienígenas, aproveitando ainda para puxar uma palhinha para a utilização dessas criaturas em enredos de história alternativa (a criatura imortal como observadora do fluxo da história humana). A platéia enriqueceu o debate com perguntas pertinentes, com destaque especial para os valiosos apartes de João Barreiros.

O assunto não se limitou a vampiros, entrando também pela questão da imortalidade e daí para a discussão de se os imortais do universo de *Highlander* seriam ou não vampiros. Consegui excluir essa hipótese estapafúrdia brandindo os próprios cânones estabelecidos pela literatura

de vampiros, quer como horror ou ficção científica.

Acabada a mesa-redonda, fomos almoçar na Taberna Gil Vicente. Sem muita fome, pedi uns pastelinhos de bacalhau (Aliás, foi o único bacalhau que comi nessa estada em Portugal...) Sentei-me perto de Sacha, Luís Filipe e da vampirologista. A bem da nossa convidada entabulamos nossa conversação em inglês, mas na verdade foram os dois portugueses quem mais falaram, com apenas pequenos apartes meus e da inglesa. Como de hábito, Sacha ficou em minoria ao defender o argumento de que deveriam existir diferenças funcionais entre os cérebros das diferenças raças humanas. E, como é seu costume nessas ocasiões, mesmo acuada e vencida, ela se negou a dar o braço a torcer. Expliquei para a folclorista que ela não deveria se assustar com a veemência dos portugueses, porque todos os anos nós nos reuníamos para discutir e brigar mais ou menos pelas mesmas coisas.

Depois do almoço foi convocado para integrar a mesa-redonda sobre Marte, organizada na esteira da descoberta de evidências de atividade biológica no meteorito marciano encontrado na Antártida no ano passado. Mesmo sem qualquer preparação prévia, aceitei a incumbência, julgando-a relativamente fácil pelo fato de já ter lido bastante a respeito e inclusive escrito um artigo de divulgação sobre o assunto.

Essa mesa-redonda moderada pelo João Barreiros foi menos populosa que a anterior, contando apenas com a minha participação e a de um espirituoso físico de Coimbra, o professor António Baptista. Infelizmente para mim, o tal físico era realmente bom. Tendo falado antes de mim, ele articulou essencialmente as idéias expressas em meu artigo, as quais eu pretendia explicar. Sem grandes alternativas, apelei para o conceito de biosfera e da permanência das condições propícias à origem e desenvolvimento da vida numa superfície planetária. Pela reação da platéia, imagino que tenha conseguido enrolar direitinho... para quem não tinha nada

preparado a dizer. As questões levantadas pelo professor e por mim suscitaram uma série de perguntas e opiniões pertinentes por parte da audiência. Barreiros aproveitou para falar das diferentes abordagens do Planeta Vermelho pela FC, desde o início do século até os dias de hoje.

Ao término da mesa-redonda, na saída do Gil Vicente, encontrei Modesta, a esposa de João Barreiros. Conversamos cerca de meia hora e, no meio do bate-papo o Barreiros me apresentou ao Belmiro Guimarães, o meu editor pela Caminho, responsável pelo bom andamento da coleção de FC dessa casa editora e pelo lançamento do meu livro em particular. Ele me perguntou o que eu achava do livro e eu tive que confessar que ainda não o tinha visto.

Mais uma vez tive que abandonar um bate-papo excelente devido à premência do tempo. Estava quase na hora da palestra da Gwyneth Jones e eu pretendia descer à feira do livro para ver e comprar minha própria coletânea que, todos diziam, estava maravilhosa, embora eu mesmo ainda não lhe houvesse posto os olhos.

Uma vez na feira tive a emoção especial de encontrar meu próprio livro no *stand* de vendas junto com os outros. Comprei cinco exemplares. A preço normal de 2.200 escudos. Só um dia e meio mais tarde descobri que, como autor publicado pela Caminho faria jus a 40% de desconto... Mais tarde, já de volta ao Brasil, eu receberia mais seis exemplares como cortesia da Editorial Caminho. Também da Caminho comprei o romance da Ana Godinho, já mencionado acima. Aproveitei o ensejo para comprar também a antologia bilingüe dos Segundos Encontros e a coletânea *Revolução Genética* do Brian Stableford, um dos convidados de honra do Congresso. Apesar do título esdrúxulo, trata-se de uma coletânea de ficção curta e não de ensaios de divulgação.

Cheguei um pouco atrasado ao Gil Vicente, perdendo o início da participação de Gwyneth Jones. Apesar do fato de ter lido sua fala, ela conseguiu dar uma entonação pausada ao texto,

permitindo que o acompanhássemos com facilidade. Apesar dos relativos lugares-comuns típicos em falas de autores estrangeiros em convenções de FC&F, o discurso como um todo foi interessante.

Na saída da palestra da Gwyneth reencontrei por acaso um velho conhecido da época dos Primeiros Encontros. Para minha surpresa, descobri que aquele simpático fã de história alternativa era nada mais nada menos que o famigerado e mítico António Marques, o indivíduo que tem colocado em polvorosa todo o fórum *soc.history.what-if* da Usenet, tendo se tornado também o mais execrado frequentador daquela lista de discussão, graças à sua defesa apaixonada da tese de que o holocausto contra os judeus na Segunda Guerra Mundial não teria passado de propaganda aliada... Quem diria? O sujeito até parecia uma pessoa cordata... De qualquer forma, apresentei-o à Sacha Ramos para que depois ela pudesse testemunhar a meu favor, corroborando a existência real do gajo.

Saí para jantar na Taberna Gil Vicente com a Sacha e o Nuno Fonseca. Este último estava sem fome, mas nos fez companhia. Eu e Sacha, ainda meio saciados pelo almoço no mesmo local, rachamos um prato de escalopinho. Como de costume, dediquei-me a comer e ouvir, enquanto Sacha e Nuno discutiam, dessa vez sobre feminismo. Como Sacha falava pelos cotovelos, não permitindo ao

Nuno o direito de replicar, tive que interrompê-la para pedir que deixasse nosso amigo falar. Meia hora de discussão mais tarde, ela reclamou comigo: “Olha, agora é ele quem não está a me deixar falar, e você não fala nada!” Tivemos que cair os três na gargalhada.

Depois do jantar, eu e Sacha voltamos ao Gil Vicente para assistir a palestra do Brian Stableford, autor do romance *O Império do Medo*. Esse biólogo e autor de FC britânico discorreu durante quase uma hora sobre o ofício de escrever FC, a situação do mercado no gênero e, por incrível que pareça, as discriminações que os autores britânicos sofrem no mercado norte-americano. Sem dúvida uma palestra bastante instrutiva. Ao final da palestra o João Barreiros me deu uma carona até o hotel onde eu deixei meus livros, passei uma água no rosto e preparei o meu espírito para a Festa dos Cem Anos de Drácula na boate Coconuts.

Dez minutos mais tarde, o João me buscou novamente. Dessa vez estavam também no carro o Brian Stableford, a esposa Jane e a Gwyneth Jones. Em poucos minutos estávamos na boate, que se localizava próximo ao museu da véspera.

A boate foi decorada especialmente para o evento. Com *performers* e funcionários trajados a caráter. Eu, o João e o Brian estávamos *a paisana*, mas a esposa desse e a Gwyneth Jones capricharam nas roupas pretas para

entrar no clima. Lá chegando, encontramos a Maria de Menezes e sua filha Silvana, ambas *vamps*. A melhor fantasia, no entanto, foi a do autor Daniel Tércio. Roupas pretas simples, sem a clássica capa clichê mas com óculos escuros espelhados. Quando o vimos, eu e o João gritamos juntos “*Sunglasses After Dark!*”, título de um famoso romance de horror. Sacha chegou caracterizada e com três amigos, a jovem Joana, mais grávida do que da última vez que a vimos em princípios de agosto; a Maria João e o namorado.

Passei a primeira metade da festa batendo papo com o João Barreiros e a Maria de Menezes. O João fora incumbido pela Modesta de *chaperonear* duas das sobrinhas do casal. Daí termos rastreado inutilmente a presença das donzelas por todos os múltiplos e labirínticos ambientes da Coconuts. Ao longo da empreitada João contou-me detalhes sobre a figura de António Marques, explicando-me inclusive o motivo pelo qual ele é até hoje grato ao *Holocaust denier* e que me convenceu de que, ao contrário do que prega a crença popular, tudo nessa vida tem a sua explicação...

Já a segunda metade do evento, passei com o grupo da Sacha. Eu e minha amiga dividimos a tarefa agradável de *tomar conta* da Joana. Afinal, pelas rígidas leis portuguesas, a jovem barrigudinha só poderia estar ali na boate na presença de um responsável.

Antologia Comemorativa

À semelhança de *Na Periferia do Império*, a antologia comemorativa dos Primeiros Encontros, esta *Efeitos Secundários* contém trabalhos de ficção curta dos principais autores portugueses da atualidade, destacando-se “Noite de Paz”, um conto sobre uma missão suicida para assassinar Papai Noel, de autoria do João Barreiros; um trabalho de oportunidade muito bem escrito do Luís Filipe Silva sobre o incidente do espancamento de Rodney King em Los Angeles; um conto altamente satírico contra os métodos pedagógicos modernos, “Pedagogias Alternativas” escrito com conhecimento de causa pela Maria de Menezes e uma noveleta humorístico-sexual de FC do versátil e talentoso António de Macedo.

A grande atração da antologia é sem dúvida a *short story* “A Piloto” do Joe Haldeman, graciosamente cedida pelo autor do romance *The Forever War* pela bagatela de US\$ 100.00. Há ainda uma noveleta minha (incluída graças ao meu status especial de “convidado brasileiro”), “Missão Secundária”, escrita e vertida para o inglês a toque de caixa a partir de uma novela antiga, “Estranhos no Paraíso”. E, finalmente, o conto da jovem Helena Coelho, vencedor do concurso promovido pela Simetria. A antologia bilíngüe saiu com alguns erros de versão e tradução, mas mesmo assim é um trabalho que marca presença pelo esforço notável e abnegado para divulgar a FC&F fora das fronteiras do mundo lusófono.

Sacha e Joana foram dançar. Eu aproveitei a oportunidade para tomar outro drink e tentar encontrar o resto do pessoal da FC&F. Missão em que fracassei, nem sei se por incompetência ou pelo fato desse mesmo pessoal já se ter ido embora. Para lá de cansado, decidi ir embora. Também de saída, Sacha e Joana me deixaram no hotel.

Dia 3 [27.09.1997]

Exausto pelo ritmo intenso de atividade dos Encontros, acabei dormindo até mais tarde na manhã de sábado, perdendo o lauto pequeno almoço do Cidadela. Mas valeu à pena pois deu para recarregar as baterias *justo à medida*, como os portugueses costumam dizer.

Cheguei ao Gil Vicente meio esbaforido e com o painel *Clonagem* já bem a meio. Foi uma pena, pois a participação de Gwyneth Jones deve ter sido muito interessante. Cheguei à hora da participação do Brian Stableford, que foi realmente excelente! Essa foi uma mesa-redonda que gerou muita polémica. Uma das discussões inócuas (no sentido de não ser uma discussão real mas uma mera divergência quanto a definições) foi a de Stableford e Gwyneth Jones, com farta participação da platéia, a respeito do significado de cultura alienígena evoluída, diante da questão ética das pretensas abduções de seres humanos por OVNI. Daí o tema interessantíssimo do painel se perdeu um pouco, descambando para o terreno pastoso do misticismo e da religião. Contudo, mesmo com as suas falhas, esse painel foi um dos pontos altos dos Segundos Encontros.

Após o painel, eu e Sacha fomos convocados para participar de um passeio com os gringos ao Cabo da Roca e Sintra. Aceitamos avidamente, pois a alternativa teria sido assistir o painel *Aldeia Global*, tarefa que, quer pelos participantes, quer pela temática, não prometia ser dos mais interessantes.

Partimos em dois carros. Eu, Sacha, Gwyneth Jones e Daniel Tércio no carro deste último; e João Barreiros, Luís Filipe Silva e o casal

Stableford no carro do Barreiros. Seguindo a orientação da Sacha fomos primeiro ao Cabo da Roca, um penhasco rochoso que se constitui no ponto mais ocidental da Europa. Gwyneth Jones ultrapassou a amurada de proteção e tirou uma foto encarapitada na rampa íngreme do abismo, com as ondas bramindo lá embaixo, num autêntico ato de coragem tresloucada que por pouco não se torna manchete fúnebre da Locus...

Depois de algumas fotos no marco geográfico local, uma caminhada pelas áreas permitidas do penhasco e a aquisição de um diploma de presença no Cabo da Roca (típica presepada de turista; apenas eu e Gwyneth compramos), fomos almoçar uns *sandes* e uns *confeitos* num restaurante existente no próprio topo do penhasco.

Partimos do Cabo da Roca para o Mosteiro dos Capuchos, erigido nas proximidades de Sintra no século XV. Julguei que seria uma visita maçante. Longe disso, foi um barato! Havia um crânio humano engastado sobre o portal da entrada principal e quase todos os portais e umbrais das janelas eram feitos de cortiça. É inacreditável o quão reduzidas eram as dimensões das celas dos monges franciscanos. Até o refeitório comunal era extremamente exíguo. A expressão *rigor monástico* adquiriu um outro sentido para mim após essa visita.

De volta a Cascais, eu e Sacha passamos rapidamente na sede da Câmara Municipal para pegar os nossos kits-passaporte VIP com a nossa velha amiga Maria Augusta Geada (e com ele os nossos ingressos para o lançamento dos livros no Casino de Estoril fomos à feira do livro onde eu compus a mesa de autógrafos junto com Brian Stableford, João Barreiros, Luís Filipe Silva e Daniel Tércio. Tendo chegado atrasado na tenda da feira do livro, acabei só podendo permanecer no local por cerca de quarenta minutos. Aproveitei o ensejo para pedir o autógrafo do Brian Stableford em sua coletânea recém-lançada.

Essa foi aliás a única oportunidade de conversar com o Brian. Aprovei-

tei para perguntar se haveria uma nova edição do livro *The Science in the Science Fiction*, do qual Stableford foi co-autor junto com Peter Nicholls e Dave Langford. Ele explicou que, embora o livro tenha feito bastante sucesso e realmente houvesse vários pedidos de uma nova edição por parte de diversas instituições acadêmicas que lecionam FC nos EUA e na Grã-Bretanha, ele não via grandes chances dessa nova edição ser lançada, pelo fato da editora que lançou o original ter sido processada pela utilização não-autorizada das belas fotos e ilustrações que recheiam o livro... Na mesma linha, Stableford confessou que não deveria haver tão cedo novas edições da *Encyclopedia of Science Fiction* em CD-ROM, pois, ao contrário do esperado, a primeira edição em mídia optoeletrônica dera prejuízo...

Sacha me deu carona até o hotel. Subi, fiz a barba e vesti meu blazer para a noite de gala do lançamento no Casino Estoril. De volta à portaria do hotel encontrei a Joan D. Vinge meio perdida, sem ter quem a levasse para a Câmara Municipal, de onde partiriam as conduções para o casino. Quando a Sacha chegou de carro, perguntei-lhe se poderíamos levar a Joan também, no que minha amiga boa samaritana concordou prontamente. Passamos de carro pela Câmara Municipal, para saber se mais alguém precisava de *boléia*. Demos carona ao Gustavo, filho caçula da Maria Augusta até a vila vizinha de Estoril.

Minutos antes do lançamento, aproveitei a oportunidade para conversar um pouco mais com o Belmiro Guimarães. Elogiei bastante o acabamento do livro e a qualidade verdadeiramente profissional da edição, bem como o trabalho em prol da FC lusófona que a Editorial Caminho tem feito ao longo desses anos todos.

Tentei conversar com várias pessoas durante aqueles minutos que antecederam o início da cerimônia, mas era a todo momento interrompido para conceder autógrafos, quer na coletânea, quer no meu conto que saiu na antologia bilíngüe. O que fazer? É o preço da glória... Que, aliás, pago grande com prazer!

O lançamento em si foi num dos salões nobres do Casino Estoril, tendo a jornalista Ana Almeida como mestra-de-cerimônias. Dando início aos trabalhos ela fez a apresentação oficial da antologia bilingüe, exaltando principalmente a colaboração de Joe Haldeman, a jovem vencedora do prêmio Simetria e a minha participação como convidado brasileiro.

Depois, foi a vez do lançamento do romance da Ana Godinho, que estava uma pilha de nervos. A apresentação foi feita por Maria de Menezes. Então veio o lançamento da minha coletânea. O João Barreiros fez uma apresentação para lá de elogiosa, comparando tanto os nossos dois estilos literários, quanto as nossas posturas políticas e os papéis simétricos que desempenhamos dos dois lados do Atlântico como críticos e paladinos da plausibilidade científica e literária. A exemplo da Ana Godinho, abri mão da oportunidade de dizer umas poucas palavras sobre a minha obra. Mais tarde me arrependi. Poderia ter aproveitado o ensejo para tecer alguns merecidos elogios de público ao trabalho da Caminho... Paciência. Fica para uma outra vez.

Após o lançamento da minha coletânea, foi feita a entrega do prêmio Simetria à Helena Coelho. A apresentação foi feita pela mestra-de-cerimônias e, como já rezava a tradição nascente, a homenageada abriu mão da sua fala de agradecimento.

Finalizada a parte formal do evento, passamos ao teatro do casino, onde jantamos e assistimos à apresentação do espetáculo *Fernando em Pessoa*, cuja parte final eu já assistira durante os Primeiros Encontros no ano passado. Vendo o espetáculo como um todo, entendi melhor do que se tratava.

Ao fim do jantar no casino a maioria dos presentes decidiu esticar num barzinho que pertencia ao mesmo complexo da Coconuts, uma espécie de anexo da boate. Estando realmente muito cansado, sem a mínima pretensão de bancar o abusado, perguntei à Sacha se ela podia me deixar no hotel, no que ela concordou prontamente. No meio do caminho come-

çamos a discutir um projeto de história que pretendemos escrever juntos. Continuamos esse alinhavado de idéias inicial no estacionamento do Hotel Cidadela mas, depois de algum tempo, os bocejos nos obrigaram a deixar o assunto para uma outra ocasião.

Dia 4 [28.09.1997]

Embora tenha dormido lá pelas 05:00 h da manhã, consegui acordar umas poucas horas mais tarde naquela manhã de domingo, preocupado em não perder o meu pequeno almoço no Cidadela, que de pequeno, aliás, só teve o nome. Fiz a maior parte do lauto repasto sozinho. António Macedo apareceu somente quando eu já estava terminando, fazendo-me companhia por uns poucos minutos.

Subi ao quarto e aprontei minhas malas. Tentei fechar minha conta na recepção. Para minha surpresa, descobri que como convidado VIP eu tinha direito a hospedagem, não havendo simplesmente despesas a quitar. Ainda fiz questão de confirmar com o Daniel Tércio se a informação da recepcionista era realmente exata. Era.

Minutos mais tarde, um carro cedido à Câmara Municipal veio me buscar, com motorista particular e tudo. Embarquei minhas malas e fui até o Teatro Gil Vicente. A atividade prevista para a parte da manhã era a mesa-redonda *Histórias Alternativas*, na qual eu seria o moderador.

Na entrada para o auditório do Gil Vicente encontrei finalmente o Álvaro Holstein, o famoso fã nortenho do Porto, *persona non grata* do fandom lusitano em geral e da hierarquia da Simetria em particular. Trocamos breves palavras, algumas banalidades sobre a Internet, mas nada realmente sério ou profundo.

Os outros componentes da mesa eram o António de Macedo, o Daniel Tércio e o Prof. António Marques Bessa, um historiador que leciona História Econômica e Social no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa cuja especialidade é Sociologia Política.

Na qualidade de moderador, convidei à última hora o João Barreiros para participar da mesa, em parte por achar que a presença dele seria um acréscimo valioso à nossa pequena banca e em parte por vingança mesquinha pelo fato dele me ter convocado para ingressar na mesa-redonda sobre Marte à última hora dois dias antes.

Após ter apresentado ao público os meus quatro colegas de mesa, fiz uma breve introdução (bem, talvez não tão breve assim...) do subgênero, situando a platéia mediante alguns conceitos básicos, como história alternativa acadêmica e ficcional; ponto de divergência; efeito bola-de-neve; passados alternativos; presentes alternativos e histórias naturais alternativas, daí passando a palavra para o Daniel Tércio. Este falou sobretudo a respeito da paixão que nutre pelo tema das Lisboas Alternativas. A seguir falou o Prof. Bessa sobre a utilização da história contrafactual no meio acadêmico, citando os contra-exemplos do desenvolvimento norte-americano no século XIX sem o advento da expansão da malha ferroviária e esse mesmo desenvolvimento econômico ocorrendo sem a libertação dos escravos.

João Barreiros e António de Macedo falaram sobre alguns dos temas clássicos mais acalentados pelos amantes do subgênero.

As perguntas que se seguiram foram tão empolgadas quanto aquelas que a platéia apresentou ao final de minha palestra sobre o tema nos Primeiros Encontros. Quase todas as questões levantadas foram de uma pertinência notável, exceto àquela que propôs que as histórias ocultas seriam de fato histórias alternativas, polêmica que tanto eu quanto o António Bessa prontamente refutamos, embora tudo não passasse no fundo de uma mera questão de terminologia, e não de uma polêmica real, como o autor da pergunta parecia supor.

Encerrado o painel descemos para a Câmara, a princípio para o almoço. Só que eu notei que a mesa-redonda que deveria terminar 12:30 h acabara cerca de uma hora mais tarde. Triste conclusão: pelos meus cálculos não

havia mais tempo para almoçar.

Com o coração pequenino, despedi-me dos meus amigos com a sensação de que, de uma certa maneira, estava perdendo o melhor da festa. Entre beijos, abraços e os últimos autógrafos, embarquei no carro com motorista cedido pela Câmara Municipal e parti rumo a Lisboa.

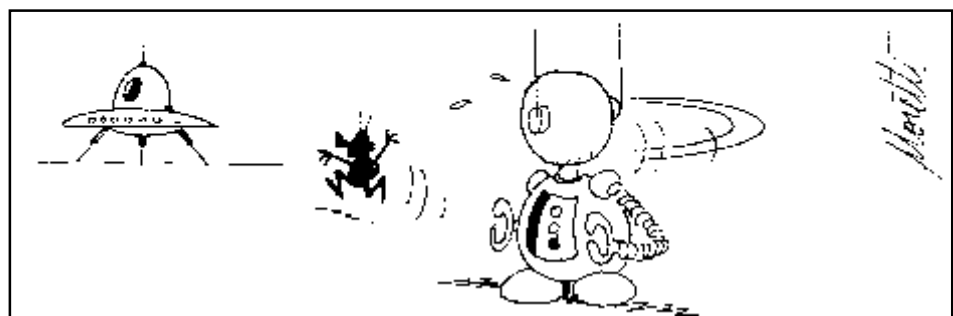
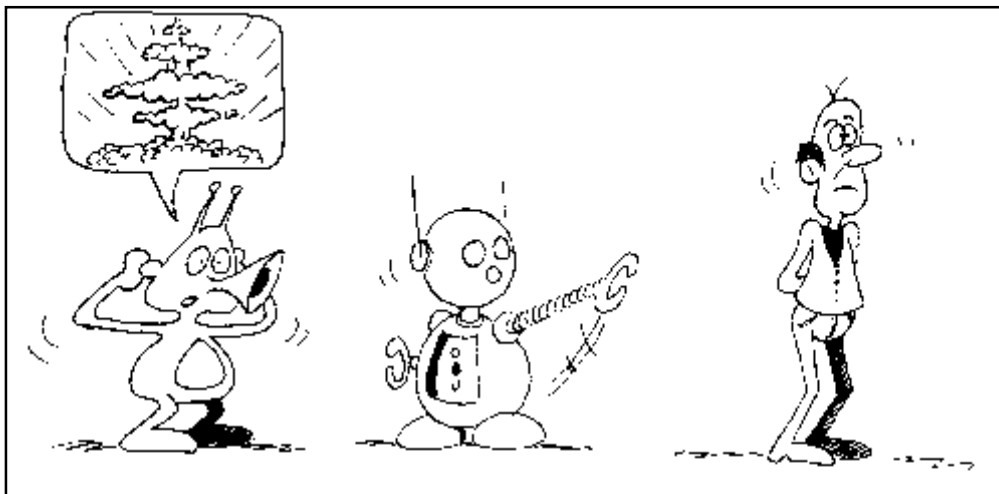
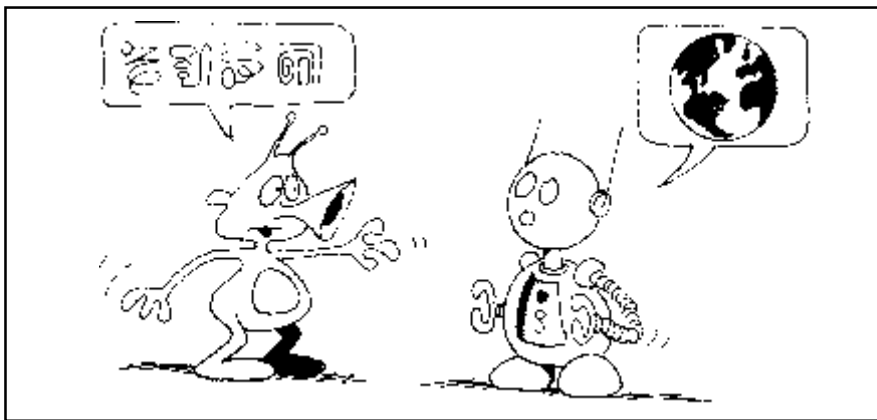
Depois de alguns percalços de conexão já tradicionais em minhas viagens a Portugal, consegui embarcar numa viagem de regresso das mais cansativas (mais uma vez, via Lon-

dres), onde a única coisa notável foi a leitura do excelente romance de H.A. *Mysterium* do Robert Charles Wilson.

De qualquer forma, estando de volta ao Brasil e com um livro publicado, tudo parecia festa. Semanas mais tarde, recebi uma carta animada da Maria de Menezes e da filha Silvana mandando-me um exemplar do caderno cultural e literário do *Diário de Notícias*, o jornal português mais influente e de maior circulação. O suplemento continha uma resenha

extremamente favorável à coletânea *Outras Histórias...*, um evento que passei a considerar mais emocionante depois de saber que o jornal raramente tece críticas literárias elogiosas, e mais raramente ainda as tece quando esse livro é de ficção científica. Aliás, no mesmo suplemento literário, junto com a resenha, foi publicado um dos contos da coletânea, "O Bom Porto de Alpha-Centauri A-III".

Incrível saber que um de meus contos mais despreziosos atingiu um público superior a 250.000 leitores...



O teto explodiu.

Um olho gigante a olhava, verde e intrigado, sem qualquer rosto onde se engastasse. Era um disco brilhante, muito parecido ao que se poderia encontrar nos devaneios de um ufólogo de 1950. Ela estava deitada na cama, de calcinha e miniblusa, e sua primeira reação foi cobrir-se com a colcha, num gesto de pudor. Aquilo parecia realmente um olho.

Seu nome era Míriam. Ela tinha dezesseis anos, as paredes de seu quarto estavam cobertas com fotos de artistas e uma matilha de bichinhos de pelúcia cobria sua penteadeira. O guarda-roupa era feito de acrílico vermelho e as roupas que ele deixava entrever seguiam rigorosamente a moda da quinzena. Ela tinha dezesseis anos e ao lado da cama via-se uma revista ainda aberta no teste que ela estava respondendo na véspera, antes de adormecer. Você é uma garota quente? perguntava a revista, e para determiná-lo propunha uma bateria de questões. A última dizia:

“Você pensa em sexo:

- a) Raramente
- b) Constantemente
- c) Sempre.”

Ela assinalara a primeira opção, mas era mentira e então ela assinalara a segunda, mas também era mentira, e finalmente teve de reconhecer que, pelo menos ultimamente, estava sempre pensando em sexo.

Seu nome era Míriam, ela tinha dezesseis anos e incredivelmente - absurdamente (para suas amigas liberais), felizmente (para seus pais pequeno-burgueses) - ainda era virgem.

Míriam era uma garota muito bonita: seus cabelos eram longos e dourados, e os olhos luziam com um verde muito parecido ao do disco que explodira o teto de seu quarto. O corpo, apesar de esguio, era bem torneado, e as coxas grossas raramente deixavam de chamar a atenção dos rapazes. Ela já fôra beijada, apalpada, bolinada; já beijara, apalpara, bolinara. Sempre que parecia inevitável a relação sexual, contudo, algo a fazia recuar. Racionalizava para si própria dizendo que seus pais eram meio por sobre o conservadores ou que ainda não surgira o homem certo. Eram razões válidas até certo ponto, mas ela mesma sentia que havia outra coisa por baixo, talvez uma Coisa com maiúscula: às vezes, em sonhos, parecia-lhe estar sendo guardada para algo muito especial.

Como o que estivera sonhando antes que o teto de seu quarto explodisse. Míriam estava recostada em uma espécie de divã grego ou romano, vestindo uma túnica leve, quase esgazeada, e nada mais por baixo. Com a mão direita, massageava o próprio clitóris, sem se importar com a multidão de criaturas translúcidas que a cercavam. Algumas pareciam homens, algumas pareciam mulheres. A maioria, porém, parecia assexuada. Observavam com interesse os movimentos de seus dedos e, mais excitada por seus olhares que pela masturbação, ergueu a mão esquerda até os seios, contornando os mamilos com a unha, sem deixar de se acariciar com a outra mão. Não sabia por que fazia aquilo, embora fosse aparentemente o que se esperava que ela fizesse; não sabia onde estava, embora estivesse onde aparentemente deveria estar. Era um tipo de átrio condizente com o divã e com as roupas que agora despia de uma vez. Colunas gregas sustentavam o teto, que ainda não explodira. Inexistiam paredes, e a paisagem enevoada e coberta de árvores que se via lá fora sugeria o topo de uma montanha.

Antes que ela gozasse, uma das criaturas fez um sinal para que se interrompesse. Obediente, Míriam parou. Estava no ponto máximo de excitação que podia atingir sem chegar a um orgasmo. Os olhos brilhantes e o rosto afoqueado delineavam uma máscara mais que humana. A um segundo sinal da mesma criatura, ou de sua irmã gêmea, todos se afastaram para abrir caminho a um gigantesco elefante branco, enfeitado como um elefante de história das Mil e Uma Noites, uma expressão inconfundível de inteligência e autoconsciência estampada na cara. Suas presas recurvavam-se em S e a tromba tinha quase dois metros de comprimento, rosqueando-se igual a uma serpente pendurada na Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Lentamente, envolto por uma quase palpável aura de numinosidade, ele se aproximou do divã e começou a tocar o corpo de Míriam com a tromba, principiando nos pés e subindo: canela e joelho, coxas; era frio ao tato, frio como gelo, sem dúvida, mas ainda assim queimava como fogo. Não se deteve muito tempo na genitália, apenas cheirou-lhe levemente a boceta e continuou barriga acima. Os seios pareceram-lhe atrair mais a atenção, demorando-se a explorá-los, sentir-lhes o volume, a intumescência dos mamilos. Finalmente, quase como se ela tivesse passado em uma espécie de prova, ergueu a tromba como um chicote e, com um único e súbito movimento, ferrou-lhe a carne. Nesse meio tempo, a tromba se transformara em um pênis e suas entranhas contorceram-se umas sobre as outras quando ele a penetrou, uma dor candente fundindo-se a pulsações de arrepio que repentinamente lhe invadiam o sistema nervoso, num crescendo contínuo e cada vez mais insuportável, até o grito final do orgasmo, que não saiu de sua garganta, mas do teto do quarto que explodia justamente quando o

espesso e branco sêmen do elefante precipitava-se em direção ao ventre de Míriam.

O olho parecia perplexo, confuso mesmo. Ela não sabia o que dizer para consolá-lo. Tinha medo que, se a tristeza dele continuasse aumentando, uma lágrima rolasse sobre o quarto, inundando-o e afogando-a. Mas não compreendia como o olho poderia se sentir triste quando ela estava tão eufórica. Queria lhe transmitir parte do prazer que sentia, mas não tinha a menor idéia de como fazê-lo. Será que ele gostaria de vê-la nua? Afastou de lado a colcha e o pudor, e só então notou a mancha na calcinha. Uma leve nota de melancolia tingiu sua alegria de vermelho, mas não o bastante para perturbá-la. Tinha perdido o cabaço, então tá, porque estava certa de que nenhuma de suas amigas tivera uma primeira vez como a dela.

Alguma coisa começou a tomar forma no centro do olho, como uma gota que se coagulasse, e ela novamente teve medo da lágrima. De fato, parecia uma lágrima. Mas era do mesmo verde que o olho e dava a impressão de uma substância muito mais viscosa do que lágrimas. Pingou lentamente até o centro do quarto e tomou a forma de um anjo.

Bem, não exatamente um anjo.

Não tinha asas, nem envergava um camisolão azul - aliás, não envergava nada -, mas toda aquela beleza verde não podia pertencer a mais ninguém, exceto um anjo. Sorriu para ela tristemente, com a mesma perplexidade que o olho, e Míriam soube que era para ele que vinha sendo guardada desde o nascimento. Mas ele chegara tarde, alguma outra coisa passara-lhe na frente e lhe tumultuara os planos, fossem estes quais fossem.

Sentiu pena do anjo. Segurou a mão dele docemente, consoladora. Era estranho tocá-lo, como segurar uma massa de plasma contida por uma garrafa magnética. Seus pêlos se arrepiaram com uma espécie de eletricidade estática e ela gostou da sensação. Aproximou-se mais do anjo, que tomou-a em seus braços e estreitou-a junto a si. A eletricidade estática inundou-a por inteiro.

Empurrou o anjo com o corpo em direção à cama e deitou-se sobre ele. Beijá-lo era beijar um relâmpago. Desceu a mão em direção ao membro de seu amante sobrenatural, sentindo que estava segurando alguma espécie de chave para outros mundos nunca antes vistos. Todas aquelas sensações, tão intensas, em rápida sucessão, deixavam-na um pouco tonta, como se ela estivesse bêbada. Fechava os olhos e via filamentos de energia multicoloridos fluando pelo ar sobre paisagens que pareciam possuir apenas forma, sem peso ou densidade, filamentos vivos, conscientes, que olhavam para ela com expectativa.

E então aconteceu.

Ele se virou sobre ela, delicadamente mas com firmeza, seus movimentos acelerando-se em progressão geométrica, ela mesma arqueando a bacia para cima com intensidade, violência, até que o orgasmo apanhou a ambos na mesma corrente elétrica, pulsante, um estrondo fulgurante, uma iluminação mística, os olhos de Míriam fechando-se por si mesmos, imagens rápidas projetando-se uma após a outra em sua tela mental, pirâmides e desertos e estrelas, um deus crucificado e o sorriso invisível da noite, uma pedra vermelha brilhante, um grito congelado no escuro, universos criados em um bater de pálpebras, aniquilados a cada suspiro, renascidos no tempo que se encurvava sobre si mesmo e esculpia o corpo quente de Míriam, enquanto o anjo verde se dissolvia e escorria para dentro de sua vagina.

Quando abriu os olhos, Míriam estava sozinha e o teto de seu quarto não estava explodido. Encontrava-se sentada sobre a cama desfeita, suas roupas jogadas de lado, a calcinha ainda suja de sangue provando que o sonho não fôra exatamente um sonho, embora ela não soubesse direito o que tinha sido. Sabia, entretanto, que estava grávida e que seu filho seria a impossível mistura de um anjo verde com o sêmen de um elefante branco.

Ficou pensando em como daria a notícia aos pais.



Daniela olhava para sua irmã Roberta, admirando-a. Sempre quis ser como ela. Ela era tão decidida, tão segura, tão positiva... Todos gostavam dela. Sabia, é claro, que também gostavam de si, mas sempre a admiração por Roberta fora maior. Não sentia ciúmes, muito pelo contrário, sentia mais orgulho do que qualquer pessoa. Era sua maior fã, e se espelhava nela para tudo o que fazia. Quando Roberta estava com vontade de algo, era suficiente para que ela também ficasse, e quando Roberta se entristecia, ela também sentia o mesmo.

As duas irmãs eram literalmente inseparáveis e se divertiam muito juntas, pois gostavam das mesmas coisas. Costumavam brincar e correr pelo gramado do jardim e pela estradinha de acesso à sua casa. Também jogavam bola, viam televisão, liam e tudo mais. Moravam numa boa casa na montanha, cercada de muito verde. Sua mãe as levava de manhã para o colégio e as pegava a tarde. Quando chegavam, tomavam banho e faziam as lições, ambas eram muito aplicadas, e quando uma delas tinha alguma dúvida na matéria, a outra prontamente ajudava.

Naqueles tempos, era muito difícil conviver com as pessoas e às vezes Daniela se sentia incompreendida por todos. Seus pais eram carinhosos, mas deixavam transparecer sua preferência por Ricardo, o caçula. A única pessoa que compartilhava de seus anseios, de suas alegrias, tristezas e tudo o que sentia, era Roberta.

Roberta notou o olhar pensativo de sua irmã e sorriu para ela. Sabia ser fundamental para ela, assim como ela era para si. Daniela era tranqüila, e sempre a apoiava. Ela era a força de que precisava, a racionalidade, os pés no chão. Se não fosse Daniela, com certeza ela seria muito diferente. As duas se completavam, nunca se separariam, por mais que algumas pessoas assim o quisessem.

Uma determinada noite, Daniela acordou sobressaltada. Deitada na cama, olhou pela janela e viu uma forte luz, azulada. Cutucou Roberta, sentindo o medo subir pela espinha:

— Acorda, Roberta.

Roberta resmungou sonolenta:

— O que é que foi, Daniela?

— Olha pela janela — apontou Daniela.

Roberta olhou e viu a luz. Esfregou os olhos e olhou novamente, não acreditando no que via. Ficou olhando parada, pensando.

— O que vamos fazer, Roberta?

— Bem, acho que o jeito é ir olhar de perto — disse Roberta, arrumando o cabelo.

Daniela olhou assustada para a irmã, mas não tinha o que discutir, qualquer desejo de Roberta era para ela uma ordem. As duas se levantaram, colocaram o *pegnoir* e desceram as escadas, pé ante pé, com o máximo de cuidado possível para não acordarem seus pais. A escada, forrada com carpete marrom, ajudava a esconder o ruído. Roberta pegou as chaves que ficavam em uma caneca comemorativa de *chopp*, sobre a estante. Abriu a porta e saíram para o jardim.

— Acho que a luz está menor — disse Daniela.

— Olhe com mais atenção, está mais longe e não menor — constatou Roberta.

Elas se encaminharam na direção da luz, aproximando-se cada vez mais, um pouco hipnotizadas pela curiosidade de saber o que era aquilo. Aproximaram tanto que ficaram sob a luz. Cada vez mais, a luz as envolvia. Era uma luz azulada, dando a impressão de ser fria, mas não o era. Era sim de uma temperatura aconchegante, morna e provocava uma certa sonolência. A luz, ao alto, foi puxando-as para cima, vagarosamente. Aos poucos vislumbraram um disco voador no céu. Devido à sonolência e à suavidade com que eram levantadas do chão, elas não se apercebiam do que estava acontecendo. Chegando ao disco, foram recebidas, calorosamente. Estavam tontas de sono e não conseguiam avaliar direito como eram aquelas pessoas. Foram depositadas gentilmente sobre uma cama médica e dormiram. Daniela, que tinha o sono mais leve, acordou primeiro, e acordou sua irmã.

— Vamos, levante. Será que é sempre tão difícil acordar você? — Daniela falou.

— Ah, deixa eu dormir. Que horas são? — Balbuciou Roberta.

— Vai, acorda, quero saber que lugar é este — disse Daniela, balançando a irmã.

Roberta abriu os olhos e se lembrou de onde estava.

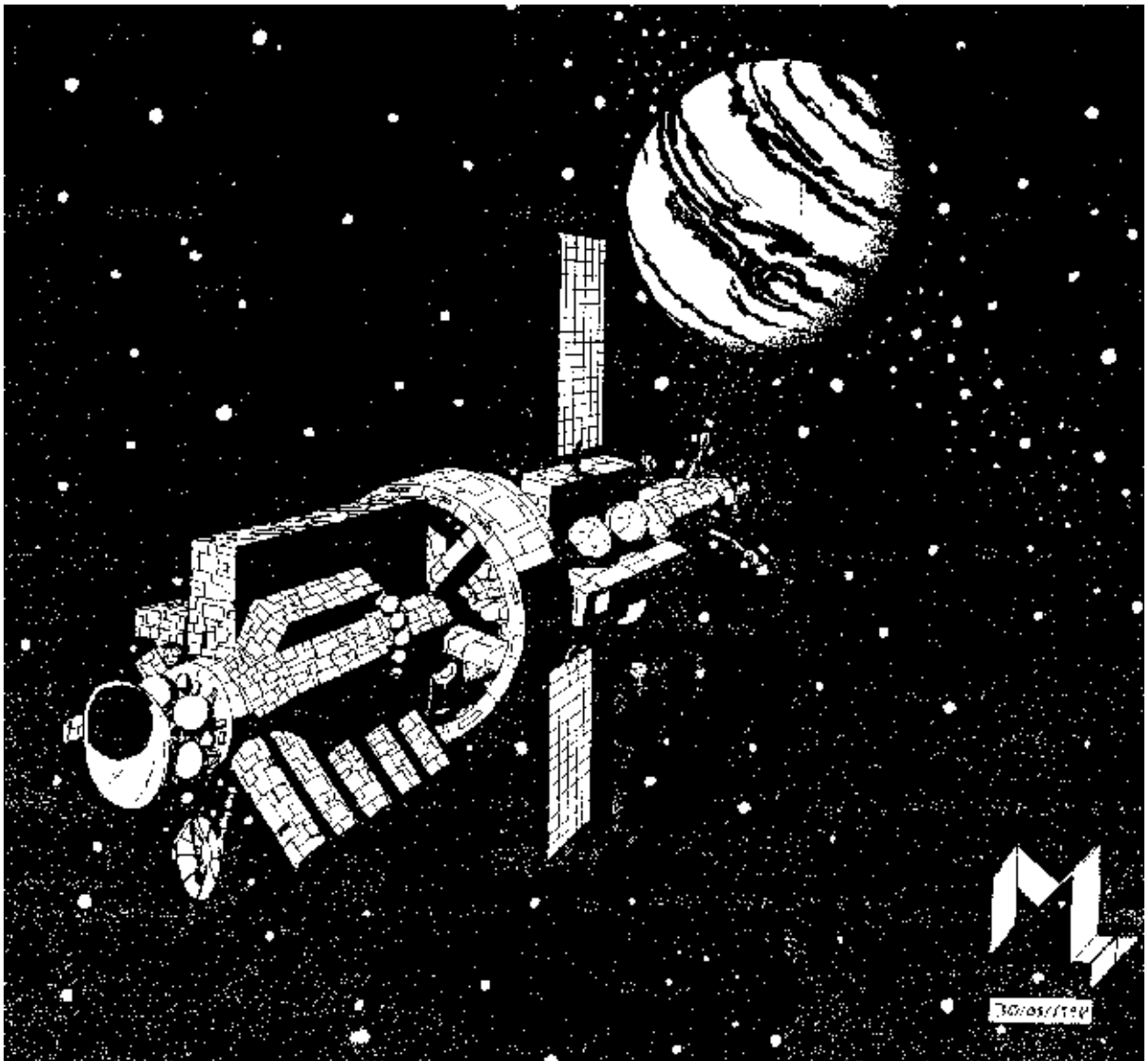
— Nossa, eu estava dormindo tão bem que até esqueci onde estava. Vamos descobrir o que aconteceu.

Elas se levantaram da cama, caminhando pela saleta. O chão era escuro, extremamente liso e as refletia. Ficaram nas pontas dos pés para olhar através da escotilha. Viram a Terra do tamanho de uma bola de futebol, encantadas.

— Não é lindo, Daniela?

— É maravilhoso. O que será que estamos fazendo aqui?

— Isto eu não sei, mas não estou com medo, não sei explicar por quê.
As pessoas que nos pegaram nos trataram tão delicadamente, que só posso imaginar que queiram nosso bem.
— Tenho a mesma sensação. Só fico triste pelos nossos pais, sei que eles vão sentir nossa falta.
— Você tem razão, mas acho que será melhor para eles. Afinal de contas era muito difícil para eles cuidar da gente.
— Olha só este monitor. São nossos pais! — Notou Roberta. O monitor, sobre uma bancada, focalizava os pais das meninas no jardim da casa.
— Realmente eles estão tristes, mas também parecem um pouco aliviados — continuou Roberta.
— Foi o que eu disse, nós éramos um fardo muito pesado para eles. E eles têm o Ricardo. Logo, logo vão superar tudo isso.
— Você parece tão calma. Na verdade eu também estou. Me sinto tão leve, tão segura, como nunca me senti antes.
— Bem, só nos resta relaxar e esperar para ver o que vai acontecer. Após alguns minutos, a porta se abriu deslizando, e uma pessoa entrou no recinto, falando:
— Finalmente vocês acordaram. Estávamos esperando ansiosamente por este momento. Daniela arregalou os olhos assustada:
— Você... Você tem... Tem... — trêmula, não conseguiu terminar a frase. As duas cabeças do homem sorriram.
— Não sei porque vocês estão tão assustadas, não há motivo para isto. As duas irmãs siamesas se olharam, realmente não tinha motivo.



O Listserver do CLFC é um fórum aberto de debates sobre FC, fantasia e horror, em português, via e-mail, na Internet. Um serviço gratuito, financiado pelo CLFC, disponível para todos os sócios e não-sócios do Clube. Para esta edição, selecionamos mensagens postadas no Listserver do CLFC durante os meses de Dezembro/97 e Janeiro e Fevereiro/98. Na medida do possível os autores das mensagens estão identificados. Para participar do Listserver basta enviar uma mensagem vazia com o tópico subscribe para ficcao@dks.com.br.

Notas de auxílio à leitura:

A variação de tipologia entre normal e itálico, determina que o interlocutor mudou. Alguns deles, entretanto, não puderam ser identificados.

Por uma questão de incompatibilidade entre computadores dos usuários, recomenda-se aos participantes dos listservers em geral que não utilizem acentuações, intraduzíveis por alguns sistemas operacionais. As mensagens estão mantidas conforme foram remetidas (alguns missivistas não observaram a norma).

As mensagens foram reduzidas, por motivo de espaço, sem alterar o seu conteúdo.

Subject: Trekkies e mais Trekkies

(...) Gene Roddenberry (...) não fazia a mínima ideia do que é a economia (uma Terra sem dinheiro, devotada a conquista do conhecimento? BAH!), do que é a bioquímica extraterrestre (...), do que é a política (...). É por isso que eu digo que cometi o pecado original. Por que finalmente vi um filme do Star Trek merecedor de respeito. Star Trek - First Contact. Filmado num ambiente claustrofóbico, retrata a luta da Enterprise contra os Borg, (...) O texto é inteligente, os personagens que todos conhecemos são tratados com humor, a luta, quer interna quer externa, faz sentido e tem, pela primeira vez, verdadeira intensidade dramática (...)

Luís Filipe Silva

Subject: Pergunta incômoda

(...) a FC renegou há muito as suas origens pulp. (...) Os pulps, os STs, o Perry Rhodan, os filmes, são agora a »vergonha« da FC consciente, adulta (...) O que temo é que a FC acabará por morrer, como a New Wave e o ciberpunk morreram: assimilados pelo sistema (...) Um dia, temo, o mainstream usará as técnicas da FC para as suas narrativas, e não haverá mais escritores nem leitores de FC pura. (...)

Luís Filipe Silva

> Só não entendi o que haveria de ruim nessa assimilação. Assimilar conceitos, trabalhar com releituras e intertextualidades é procedimento comum na literatura desde que a literatura existe. (...). Não acho que exista a

oposição FC versus Mainstream(...). Toda a literatura “de gênero” já enfrentou ou enfrenta restrições da crítica.(...) Qual é a solução? Escrever, e escrever bem(...) Amigos, querem defender a FC? Leiam FC, escrevam FC, comprem FC, matem a FC e ressuscitem a FC quantas vezes for necessário!

Max Mallmann

Subject: : o regresso do monstro infame

Lá vou fazer eu o papel de monstro infame. (...) Julgo que o pior mal que o cinema pode fazer à FC veio-nos pelas mãos de Lucas e Spielberg. Foram esses filmes [Star Wars] que desacreditaram a FC nos meios culturais. Porque reparem bem...um filme de FC que não respeita uma ÚNICA regra ou princípio científico, mesmo aqueles que se aprenderam na Escola ? (...) Voltámos todos atrás (...)

BARREIROS

(...) Desde que eu vi Star Wars pela primeira vez... eu não entendi isso como uma renegação à ciência e uma volta à magia. (...) o que vale é o homem por trás dela, e que esse homem acredite em si mesmo. (...), mas a eterna luta entre o bem e o mal (...)

Simone Saueressig

(...), Star Trek, Star Wars, X-Files e outros, sempre venderam e sempre venderão mais do que a FC. E nem por isso a FC está morta ou a morrer condenada. Acho que sempre haverá um público fiel. Leitores que, certos ou errados, consideram-se privilegiados por serem capazes de apreciar “the real stuff”. (...) Moral da história:

1) Para cada 1 livro de FC&F há 9 outros tie-ins ST, SW, XF, etc. ad nauseam. Mas, como dizia Sturgeon, “90% de tudo...” (...)

Gerson Lodi-Ribeiro

Subject: Starship Trooper - O Filme (E que filme ...)

(...) “Starship” é foi um daqueles filmes que desde os primeiros 10 minutos fiquei pensando “mas até eu faria melhor”. (...) Não sei que foi o diretor, ou diretores, dos melhores episódios de “Comando Espacial”, mas po-

dem acreditar, eram melhores do que “Starship”. Tinha mais a ver com o espírito militar presente na obra de Heinlein (...)

Charles

Subject: Re: Tropas Estelares

(...) Não dá para levar a sério a sociedade descrita por Heinlein, ainda que ela seja verossímil por conta do talento do autor em fazê-la parecer assim. (...) Verhoeven optou acertadamente por uma ironia pesada, presente em todas as cenas do filme (...) Extremo capricho técnico também é marca registrada do filme. (...) Tropas Estelares é uma tragicomédia de FC. (...) Tropas Estelares é muito diferente do livro, sendo um dos mais fiéis que eu já assisti. Verhoeven não quis fazer um sub-produto, fez algo novo. Vale a pena ler o livro. E também vale a pena ver o filme. (...)

Cesar.

Subject: Brasileiros resenhados nos EUA

Eu acabei de receber (...) uma coleção de resenhas de livros de autores brasileiros publicados por lá (...) numa página específica de FC, Gregory Feeley afirma que a FC é uma indústria nativa americana, tão chauvinista quanto Rock. “Nós a exportamos para todo o mundo e não damos a mínima para o que os outros produzem.”

Ataide Tartari

>Acho bom deixar claro que, no texto, Feeley não acha que isso é certo. Ele expressa esta indiscutível verdade apenas para, no parágrafo seguinte, considerar que essa tendência chauvinista tem se atenuado com a presença de escritores não-americanos no mercado dos EUA, como é o caso de Greg Egan, Ian MacLeod e Steve Baxter(...)

Braulio

Subject: Re: Decadência de Arthur C. Clarke

>> Gostaria de saber porque se fala tanto que os livros de Arthur C. Clarke, de uns tempos para cá, tem diminuído de qualidade, em comparação aos de quando era mais novo.

fno1@netium.com.br.

>Só há uma explicação possível. Senilidade e excesso de ego. (...)

BARREIROS

(...) dos três grandes, Clarke foi quem envelheceu pior. O Asimov conseguiu se manter mais ou menos no mesmo patamar até o fim (...). E o Heinlein, (...) ainda conseguiu fôlego pra dar uma nova guinada na carreira (...). Enquanto isso, Clarke ficou produzindo *O Jardim de Rama*, *A Geladeira de Rama*, *O Papagaio de Rama*...

Lúcio

Subject: O que é FC????

FI> Esse final de semana assisti “Horizon Event” com

meu irmão que saiu do cinema completamente decepcionado dizendo “Mas isto não é ficção científica (...) O que realmente pode ser considerado como FC no cinema????

Charles

> Em anos recentes a tendência é da FC misturada com a ação – filmes tipo *Judge Dredd*, *Demolition Man*, etc. No passado (décadas de 50 e 60) o mais comum era a FC e o horror (...) Mas eu lembro que a FC pode (e provavelmente deve) combinar um pouco de tudo (...) Também quero lembrar que se pode fazer ótima FC sem alienígenas, naves espaciais, futuro ou outros motivos centrais do gênero. O melhor exemplo talvez seja o filme *Os Dois Mundos de Charlie* (...)

Roberto de Sousa Causo

Subject: Re: passeatas gerundivas 3

FI> O fan de FC no Brasil tem o rei na barriga, acha-se melhor que os outros, Pensa que é um intelectual que vai vencer por ser especial por natureza. (...) Lamento dizer, mas os fans brasileiros de FC são, com poucas exceções, nerds da pior espécie, porque são presunçosos e preconceituosos.

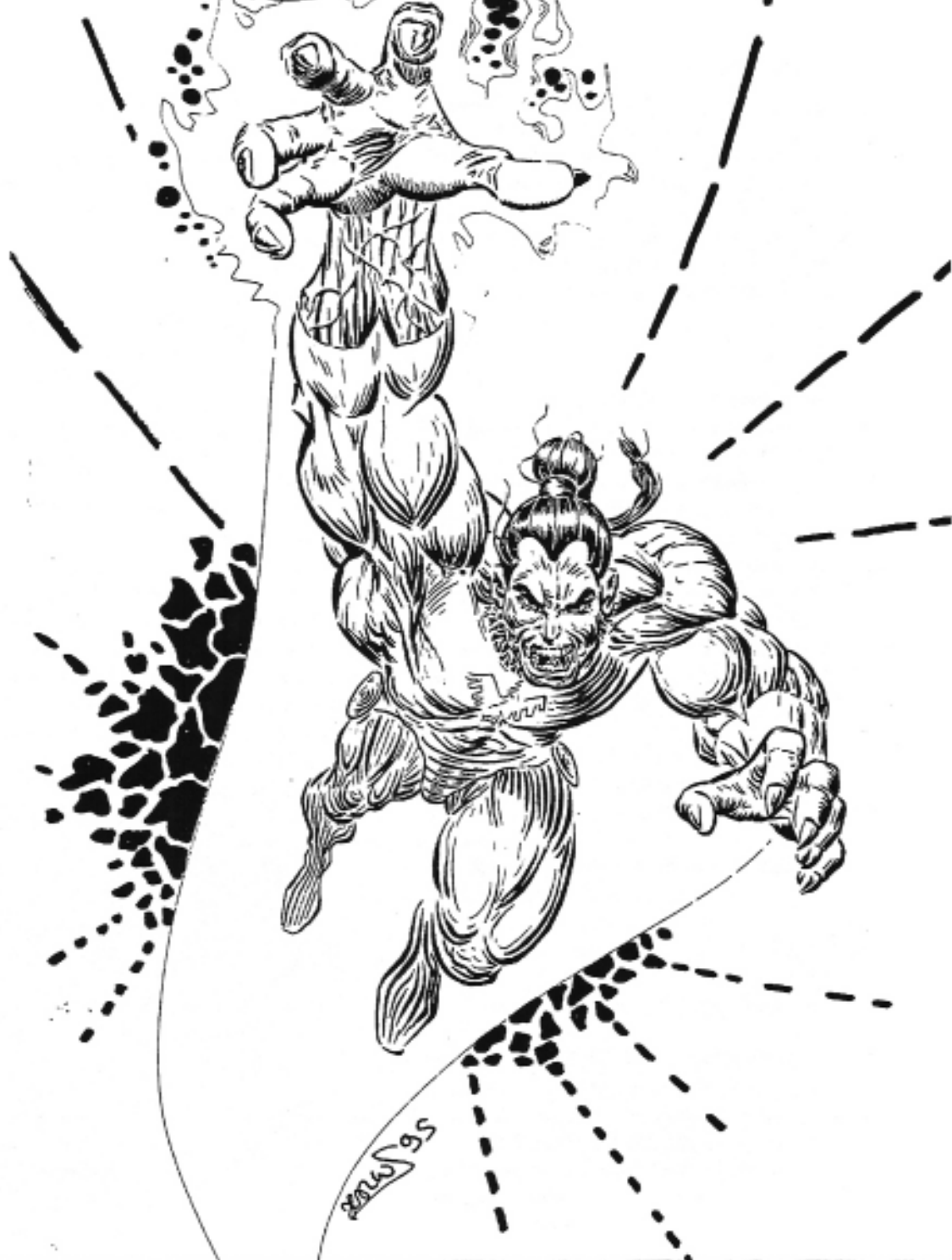
Cesar

(...) Acho que em parte é porque a FC demanda paixões (ou será porque nós os nerds é que motivamos essas paixões sobre ela?) (...). Mas às vezes isso degenera na sensação, que alguns devem nutrir, de que o fandom pode se transformar em algum tipo de audiência particular de um ou de outro sujeito (...) O fandom de FC é um saco de gatos — a gente tem que reconhecer isso e aprender a trabalhar dentro dessas limitações.

Roberto de Sousa Causo



SOMNIUM



CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês,
das 15 as 18 horas, na Rua José Paulino nº 7 (próximo ao Metrô Luz)

Correspondência:

Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil

E Mail: clfc@dks.com.br

Visite nosso site na Internet: <http://www.clfc.com.br>